

EM TEMPO!

Semanário Nacional • Ano III • N.º 94 • 13 a 19 de dezembro de 1979



Uma semana de revolta no inferno dos subúrbios:

A alta de 50% nas tarifas dos trens suburbanos deflagrou mais uma onda de quebra-quebras.

Frente aos atrasos constantes das composições e sufocados agora pelas novas medidas econômicas decretadas pelo governo, os usuários não tiveram outra alternativa: partiram pro pau.

No Rio de Janeiro, só na última semana ocorreram três depredações com um saldo de várias prisões e feridos, dezenas de vagões avariados e 15 completamente destruídos pelas chamas.

(Pág. 9)

15 vagões incendiados

O que foi o CGT

A questão da CUT-Central Única dos Trabalhadores-está na ordem do dia para o movimento sindical. O que foi a experiência do CGT-Comando Geral dos Trabalhadores, no pré-64? (Pág. 7)

EM TEMPO especial:

Na próxima quinta feira, dia 20, EM TEMPO, especialmente, sairá dobrado com 32 páginas. E nossa edição especial de fim de ano, com um balanço completo dos acontecimentos de 1979. E como ninguém é de ferro, aproveitando o refluxo político do Natal e Ano Novo, tiraremos férias coletivas. Assim, voltaremos às bancas somente no dia 10 de janeiro, e a edição especial valerá por duas semanas adicionais. Mas, não se assuste, ela terá coisas incríveis e o preço, Cr\$ 30,00, não chegará a dobrar.

Quem vai bancar a queda do cruzeiro?



Veja aqui quem ganha e quem perde com as medidas econômicas adotadas no final da semana passada. (Pág. 8)



Marighela

O filho fala do pai. (Pág. 5)

Nicarágua exclusivo:

Bernardo Kucinski entrevista Moisés Hassan e Jaime Chamorro. (Pág. 16)

Debate:

O Partido Mundial da Revolução Socialista. Um realidade, um mito, ou uma esperança. (Págs. 12 e 13)

flagelados ao deus dará

Dez meses após as enchentes que causaram 277 mortes no Estado de Minas Gerais e deixaram mais de 180 mil pessoas desabrigadas, praticamente nada foi feito no sentido de evitar a repetição da tragédia que pode ocorrer com a aproximação do período das águas. "Passado tanto tempo, eles (os flagelados) continuam morando precariamente na beira dos córregos ou nas encostas dos morros, apenas esperando uma chuva mais forte para ficar novamente desabrigados. A única tentativa de resolver o problema dos desabrigados resultou no inacreditável Conjunto Habitacional dos Gorduras, um infecto aglomerado de mil barracos de madeira compensada sem nenhuma condição de habitação e infestado de todo tipo de doenças infecciosas."

Esta foi uma das principais conclusões do relatório da CPI dos flagelados, instaurada em Minas para apurar e avaliar a situação que resultou dos desdobramentos da ação do Governo em uma das maiores catástrofes da história mineira. Além de concluir que "houve carência de assistência médica, de alimentos, de roupas, calçados e a maioria foi abandonada ao desabrigo", o relatório chama a atenção ainda que "os projetos, a longo prazo anunciados pelo secretário do Planejamento relativos à construção de barragens, canalização de córregos e rios, ao que tudo indica ficarão no papel, já que não passaram de uma promessa, de uma posição teórica".

Dez meses após o General Figueiredo em uma das suas costumeiras e desastrosas intervenções ter culpado Deus pela tragédia mineira, a população de Minas, principalmente os seus segmentos mais pobres, continuam vulneráveis a possíveis enchentes e ao Deus dará. (Sucursal de Belo Horizonte)

ELA É BRASILEIRA.
ESTÁ PRESA NOS CÂRCERES
URUGUAIOS DESDE 1972.

O GOVERNO
BRASILEIRO É
CADA UM
DE NOS
É RESPONSÁVEL.

**LIBERDADE
PARA
FLÁVIA**

Este anúncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia



ufmg: estoura mais uma crise

Talvez nenhuma unidade universitária pública tenha em 1979 sido palco de tantos episódios reveladores da atual crise por que passa a Universidade Brasileira como a Universidade Federal de Minas Gerais.

Agora, uma forte crise política volta a abalar o autoritarismo na UFMG. Em uma assembleia realizada no dia 28 último, após uma paralisação de três dias, 700 professores aprovaram como forma de obter a recomposição dos seus salários e de denunciar a crise da Universidade a não participação nos trabalhos de realização do vestibular que se realiza em janeiro de 1980. Cumprindo a decisão da assembleia, a comissão permanente do vestibular renunciou, seguida de 28 chefes de setor.

O Reitor da UFMG, Celso Vasconcelos Pinheiro, apesar de afirmar que "compreende as reivindicações dos professores", iniciou um movimento no sentido de viabilizar o vestibular, conclamando os professores a não apoiarem a decisão de sua categoria. E num gesto justificado como necessário para restaurar a coesão administrativa, exonerou a professora Maria Lisboa do cargo de Pró-Reitora de Pós-Graduação por ter se recusado a desrespeitar a decisão tomada em assembleia da classe.

O feitiço virou contra o feiticeiro, pois essa medida gerou a imediata solidariedade de 11 dos 13 componentes do Conselho de Pós-Graduação da Universidade e ainda uma carta aberta à comunidade universitária na qual os professores criticam o hábito, agora desafiado, de "tomar decisões à portas fechadas". (Da Sucursal)



Flávio e Maria Regina em Porto Alegre

flavio koutzii volta ao brasil

Flávio Koutzii, preso durante quatro anos nos cárceres argentinos, voltou a Porto Alegre. Depois de uma ausência de dez anos de nosso país, o político Flávio volta ao Brasil, juntando-se na luta contra a ditadura. Mas volta como um indivíduo: o indivíduo Flávio que como ele falou "eu recém estou chegando e, por isso, não posso ter uma impressão exata daqui. Tenho algumas idéias que fui formando com alguma dificuldade nesses primeiros seis meses que estou em liberdade, depois que sai da Argentina".

Mesmo dentro de suas (nossas) limitações, "fazendo necessário o equilíbrio, a ponderação para opinar sobre a situação nacional da qual estou afastado muito tempo, fato agravado pela minha prisão durante quatro anos, período que vivi na total desinformação", Flávio não se omite "das tarefas das oposições democráticas", como ele denominou. Considera que existem uma série de

questões que devem ser pontos de luta daquelas forças, "dentre elas, a qual eu vivi pessoalmente, acho que o aparelho repressivo que existiu no país segue intacto; em segundo lugar a própria Lei de Segurança Nacional deve ser combatida; e, por último, para mim a questão essencial é fundamentalmente não ficarmos satisfeitos com os níveis de liberdade alcançados. Significa compreender que a tão propalada abertura não pode se limitar a posições de antemão demarcadas. É importante compreender que estão acontecendo uma sucessão muito importante de lutas operárias e que estão tendo uma repressão bastante dirigida, seletiva e, frente a isso, é tarefa também de todos lutadores sociais, de todos democratas se somarem a todos aqueles movimentos que tratam de alargar o espaço dessa pequena democracia e fazer avançar a fundo as reivindicações populares".

Flávio ainda afirmou que hoje se identifica "com o esforço que fazem deter-

minados setores populares e lideranças sindicais no Brasil de organização do Partido dos Trabalhadores. A identificação significa a minha simpatia com o projeto e a minha compreensão que conseguindo ou não o reconhecimento, ele seguramente representa um movimento pelo qual se deve lutar. Aquele que representa para mim de forma mais direta os interesses dos setores populares e da classe operária."

Maria Regina Pila, também exilada, voltou ao mesmo tempo que Flávio. Para ele uma das questões mais importantes é a luta pela liberação da mulher, movimento ao qual pretende se integrar.

Os dois chegaram no último domingo em Porto Alegre, onde foram recepcionados por familiares, amigos, ex-companheiros políticos totalizando por volta de 200 pessoas no aeroporto.

(Sucursal de Porto Alegre)

eleições e oposições

Realizaram-se no último dia 30as eleições da diretoria da Associação dos Servidores da Universidade de Campinas — ASSUC. Concorreram duras chapas: "Democráticas", apoiada pela atual diretoria e "Luta Sindical", chapa de oposição. "Luta Sindical" foi vencedora com 79% do total dos votos, obtendo esmagadora vantagem em 17 das 21 unidades da Unicamp. O programa da chapa vencedora tem como bandeiras a luta por melhores salários, por liberdade de organização e pela formação de um sindicato estadual dos Funcionários Públicos.

Também a Associação dos Servidores da Universidade de São Paulo — ASUSP — viveu processo de eleição de sua diretoria. Foi vencedora a chapa do Movimento de Oposição — MOASUSP. A chapa "Funcionário Unido", considerada reformista, ficou em segundo e em último ficou a chapa dos pelegos que dominavam a entidade e que não conseguiram ir além de uma irrisória votação.

os quatro cavaleiros do apocalipse

Num documento muito bonitinho, bem impresso, em papel azul de ótima qualidade, algumas notórias figuras do sindicalismo paulista acabam de divulgar seu balanço da greve dos metalúrgicos de São Paulo. Protestando contra o "anarquismo", o divisionismo e o aventureirismo da Oposição Sindical", dizendo "nao ao sindicato paralelo, exigindo, a dissolução dos "comandos" (as aspas são deles), os quatro cavaleiros do apocalipse (Cida, Bira, Bigode e Telma) prometem, de pés juntos, que "nós metalúrgicos jamais permitiremos a divisão do nosso sindicato", comprometendo-se a fazer "tudo pela unidade sindical".

Mas, parece que, exceto junto a alguns sindicalistas desinformados, o balanço do quarteto não está obtendo um bom IBOPE entre metalúrgicos da capital. Primeiro, porque com exceções, eles há muito se afastaram de um trabalho mais consequente; segundo porque a categoria não os perdoa por sua atitude antes, durante e depois da greve (antes por terem sistematicamente semeado o derrotismo, não promovendo a organização, somado-se aos pelegos do sindicato; durante, porque simplesmente os ditos sumiram dos comandos de greve) Bira chegou a pintar, depois do quinto dia de greve, no comando Oeste, onde fez uma chorosa literalmente au-

toerítica; a Telminha, representante sindical da fábrica do Paulo Francini, elogiada pelo Jornal da República por ter parado a fábrica sozinha no primeiro dia, furou a greve no segundo, sendo arrancada do trabalho na marra; a Cidinha foi premiada com por uma gigantesca vaia na quarta feira, véspera do fim da greve, em repúdio à sua atuação anterior. E depois da greve, por toda a campanha de fotoeas e lutricas que vem fazendo.

São esses os "heróicos" sindicalistas que alertaram a categoria contra a aventura, como afirmou o Emilson Simões, o "alemão", de São Bernardo do Campo. Conhecido entre os metalúrgicos de São Paulo como "Alemãozinho dos 200 por cento", por ter — pasmem — apresentado a proposta de que a categoria, em pleno ano de 1975 época em que trabalhava na capital, deveria reivindicar 200 por cento de reajuste. Não fazê-lo, afirmava, representaria uma "traição" aos interesses da classe. Agora, à medida que a combatividade dos trabalhadores aumenta e a inflação sobe, as exigências do Alemãozinho descem para bem menos dos 83 por cento reivindicados pelos metalúrgicos. Descem muito mais; do alinhamento com as correntes mais combativas do movimento operário ao seguidismo do que há de mais atrasado. (T.D.)

prestes fala. e dá rebu

O pau está quebrando dentro do PCB. Não é por menos que o legendário secretário-geral do partido, Luis Carlos Prestes, está procurando ocupar um maior espaço político, realizando diversas aparições públicas, fazendo declarações que têm repercutido intensamente nos meios de comunicação.

Tudo indica que o velho Prestes, gastando saúde do alto dos seus 82 anos, está à esquerda da maioria dos seus companheiros do PCB. Além de contrapor uma "revolução socialista" às teses de "revolução nacional democrática", de pleitear o acirramento das lutas de massa e a organização da classe operária contra as idéias de "conciliação com o regime" e de admitir "a luta armada como uma opção legítima", apesar de não transformá-la em objetivo, o antigo Cavaleiro da Esperança está defendendo uma alternativa de "Frente de Esquerda" — entre o PCB e todos os que, segundo ele, "se dizem socialistas ou comunistas" — para atuar como "núcleo central" na "Frente Ampla por Liberdades Democráticas".

Durante debate sobre o feminismo, realizado na noite da última terça-feira no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, praticamente nenhum dos presentes se manifestou de modo favorável a essa idéia de "Frente de Esquerda". Seguramente refletindo as concepções de parte do Comitê Central do partido, que considera tal proposta "um desvio para o isolamento das esquerdas na atual conjuntura", as intervenções surgidas procuraram contestar a proposta do secretário-geral. Prestes chegou a citar João Amazonas, Apolônio e outros, quase desafiando-os a responderem à sua idéia de "Frente de Esquerda".

Evidentemente, o legendário dirigente não deixou, nesta última semana, de fazer declarações que revelam o quanto ele ainda é portador de um discurso de características dogmáticas e contraproducentes. Afirmar que tem "orgulho de ser considerado um agente de Moscou" é um absurdo, que dispensa comentários. E dizer que a Igreja Católica é "o maior aliado dos comunistas" é, sem dúvida, semear confusão, como comentou D. Paulo.

De todo modo, a presença e as declarações de Prestes testam o caminho para a democracia e apontam para a orquestração da grande imprensa, que está sempre pronta a criar um clima de caça às bruxas. A verdade, porém, é que a conduta do velho dirigente e de boa parte das esquerdas — não pelo que se diz dela, mas pelo que representa de fato — muitas vezes auxilia a campanha ideológica das direitas junto às massas. (Carlos Tiburcio)

generais não engolem «joão»

A maior briga do século — Figueiredo x populares, em Florianópolis — continua tendo desdobramentos. Na semana passada, durante a visita do general a São Paulo, o esquema foi radicalmente alterado a fim de que o populareco não descambasse para o grotesco como tem sido o costume. Um forte aparato de segurança foi montado. Prisões preventivas e intimatórias, verdadeiros sequestros de lideranças populares, ocorreram. E para aplaudir Figueiredo, recrutas do exército, disfarçados em traje civil de populares, foram postos nas ruas. Ninguém pôde se acercar do chefe, exceto os previstos no protocolo.

Ao mesmo tempo, uma luta surda se trava nos bastidores entre o SNI e a Casa Militar de um lado e a Secretaria de Comunicações de outro. Os primeiros querem a cabeça de chefe da segunda. Said Farah, o responsável por pelas estrepolias que Figueiredo vem fazendo com vistas a conquistar nova imagem.

Para o "sistema", a coisa já foi longe demais e os acontecimentos de Florianópolis representaram a gota d'água. Para quem se forjou à imagem e semelhança de um Garrastazu ou um Geisel, o novo "João" mais parece um D. Pedro ou um Jânio com suas costumeiras extravagâncias. (F. Andrade)

**NÃO PERCA: EM TEMPO especial, 32 págs., dia 20 E aproveite o
embalo fazendo uma (ou mais) assinatura de Natal**

São Paulo

Como levar o PT às massas ?

A primeira plenária estadual dos militantes do Movimento pelo Partido dos Trabalhadores

Se queremos construir um partido verdadeiramente democrático, não eleitoreiro, não podemos ficar na dependência da direção. Temos que começar já a discutir propostas tanto a nível programático como estatutário.

Em sintonia com estas declarações de Manoel da Conceição, líder campônes e membro da direção nacional do Movimento pelo Partido dos Trabalhadores, realizou-se no último dia 9 em São Paulo a primeira plenária estadual dos militantes do Movimento. Lá estava também, ainda que apenas na abertura dos trabalhos, José Ibrahim, igualmente membro da direção nacional e recentemente designado por ela Secretário de Organização do Movimento pelo PT.

Apesar de amplamente divulgado e aberto à presença até mesmo de ouvintes simpatizantes - não militantes - o encontro, contudo, não contou com a presença de todas as nucleações pró-PT do Estado. A direção sediada em São Paulo, por exemplo, só se fez presente através dos dois companheiros citados. E da parte de alguns núcleos, seja por sectarismo, seja por desdém para com o processo de articulação pela base, a presença foi escassa, quase que como observadora.

Mas de todas as formas, para os objetivos que a inter-núcleo organizadora da plenária tinha em vista - principalmente uma troca de experiências entre os militantes da região - o encontro foi positivo.

Lá estavam reunidos cerca de 350 pessoas, representando mais de 25 núcleos da região, e com uma composição social heterogênea e adequada aos propósitos do PT. Um único parlamentar na reunião: Geraldo Figueira Filho, do MDB paulista. Além da capital estavam presentes núcleos de Campinas, São José dos Campos, Santos, do ABC, Guarulhos e Osasco.

O PT está omissa

Para mesa diretora foram destacados, José Pedro, metalúrgico de Osasco, Osmar, metalúrgico de São Bernardo, Paulo Frateschi dos professores, Eder Sader, do jornal **EM TEMPO**, Luisinho dos bancários (e que dirigiu os trabalhos), Geraldo dos coureiros de São Paulo, e Beto da Oposição Sindical Metalúrgica paulista.

O desenrolar da reunião se dividiu entre comissões e a plenária final, com dois pontos principais em pauta. A avaliação da conjuntura atual, em



Pereirinha, da Oposição Metalúrgica de São Paulo, lê para o plenário o resultado da comissão

particular do movimento de massas, e a organização do Movimento pelo PT.

No primeiro ponto, surgiu consensualmente uma avaliação crítica diante da postura omissa, e até mesmo vacilante, que o PT, e algumas de suas lideranças, tomaram no debate recente do movimento grevista. No mesmo tom, o plenário também se posicionou duramente frente às conversas de caráter sigiloso entre Lula e o ministro Delfim Neto, bem como condenou qualquer espécie de "Pacto Social" que venha amarrar ainda mais as mãos dos trabalhadores.

Positivamente, após avaliação da paralisação que o Movimento vem vivendo, os militantes deliberaram pela realização imediata de campanhas massivas em nome do PT como forma de recuperar o terreno perdido e um certo desgaste sofrido a partir dos últimos acontecimentos criticados.

As campanhas arroladas foram várias, mas, destacaram-se, a luta contra a carestia, urgente

neste momento de agudização da crise econômica, e a luta contra a reforma partidária do regime, pela liberdade de organização partidária e contra todas as formas de repressão ao movimento operário e popular. Ao lado destas, sentindo o vazio partidário junto às grandes massas e a ausência que ainda é o PT, o plenário decidiu também por iniciar campanhas massivas de divulgação da proposta PT através de atos públicos, comícios, pichações e todo um leque de atividades propagandísticas até agora inexploradas pelo Movimento.

Um debate também travado nas comissões, mas que não chegou a ir a plenário, refere-se aos caminhos para a institucionalização do PT. Para alguns, a direção nacional tem demonstrado uma certa dedicação quase que exclusiva a esta lado da questão, que é, segundo avaliação dos mesmos, secundário. O fundamental, hoje, seria o enraizamento do PT junto às massas, através da propagação de núcleos a partir da base. E a preocupação,

justa em princípio, da direção com o lançamento oficial e legal da proposta pelos caminhos que a Lei Orgânica dos Partidos estabelece, estaria redundando num certo descaso para com a tarefa da nucleação. E mais, é preciso abrir debate sobre esta questão, pois as imposições que a Lei estabelece como limites estatutários para o funcionamento dos partidos pode, pela sua rigidez, comprometer definitivamente a possibilidade de um partido não eleitoreiro, de um partido militante e necessário ao movimento e massas na sua atual conjuntura.

Por uma organização de base

Nas questões organizativas, a plenária decidiu por uma formalização maior da inter-núcleos, dando-lhe maior representatividade, para que ela possa vir a servir de instrumento agilizador e unificador de uma nova dinâmica para as nucleações do Estado. Além do que, resolveu também subdividir a inter-núcleos por localidades, unificadas numa regional.

As inter-núcleos deverão ser compostas por um representante de cada núcleo.

Em virtude das dificuldades que o Movimento vem encontrando na região, e que se refletiram nas ausências notadas, a plenária resolveu não eleger representantes para a direção nacional, deixando-a para uma próxima reunião, ainda sem data.

Ao mesmo tempo, dadas as indefinições e poucas informações da parte da direção, os militantes resolveram questionar formalmente a cúpula do Movimento para que preste esclarecimentos sobre os rumos que pretende dar à articulação e o calendário dos próximos eventos.

Enfim, a reunião, apesar de modesta nas suas conclusões, foi um passo necessário para que o PT em São Paulo encontre uma política de massas e rompa com a paralisia que até agora o tem caracterizado.

ERRATA:

— Por falha nossa, a última edição saiu com uma informação errada. Na página 4, na matéria «PT carioca tem nova direção», os eleitos pelo Rio como representantes da direção nacional do Movimento pelo PT foram Sidney Lianza e Godofredo da Silva Pinto.

Encontros das Oposições Populares

RJ Só há unidade contra a reforma partidária

No domingo, 9 de dezembro, a Igreja Santa Rita, no bairro Cruzeiro do Sul, em Nova Iguaçu, amanheceu de roupa nova. Foices e martelos e dizeres tais como "Fora bispo comuna viado", "Adriano, o anti-cristo", "Fora, comuna pederasta", aludindo a D. Adriano Hipólito, bispo da cidade. E ainda, "Aqui não é Rússia, aqui é Brasil", "Fora o PCB", foram os presentes deixados nas paredes da Igreja, como recepção às 400 pessoas que se reuniram nos salões paroquiais para discutir a reforma partidária no decorrer do mesmo dia.

O Encontro de Lideranças Populares, organizado pelo Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu e pela Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, contou com a participação de representantes de 63 associações de bairro do Grande Rio, de várias categorias profissionais e de entidades como os CBAs do Rio e de Nova Iguaçu, da Pastoral Operária de Nova Iguaçu, de vários núcleos e de membros da executiva regional do PT, do departamento trabalhista do PMDB, do Centro de Cultura do Trabalhador, do Cep de Nova Iguaçu, além de outros. presentes também estavam os deputados federais Edson Khair, Marcelo Cerqueira, Jorge Gama, os estaduais José Eudes Raimundo de Oliveira, Heloneida Studart, Francisco Amaral, além dos ex-deputados Márcio Moreira Alves e Francisco Julião.

Os participantes dividiram-se em 6 grupos para discutir duas questões: o que significa o projeto de reformulação partidária para o movimento popular e quais os caminhos concretos para a oposição popular. O resultado das discussões foi lido em plenária por relatores eleitos em cada grupo.

Foi consenso em todos os grupos o repúdio à reforma partidária. As divergências surgiram quanto aos tais caminhos concretos, polarizando-se a discussão entre as propostas do PMDB e do PT, embora o PT estivesse representado pelo deputado federal José Maurício.

Para os defensores do PMDB, este não só é a

proposta mais correta, como a única saída possível para as oposições hoje. Martelando com o imperativo da "legalidade institucional" e da "unidade do povo", descartam toda e qualquer possibilidade de organização que leve em conta algo mais do que a luta pela queda da ditadura.

O que ficou claro é que o Partido dos Trabalhadores não é um "grupelho que se reúne para discussões ideológicas em locais secretos", mas sim uma alternativa que, sem se limitar à camisa de força da reforma partidária, parte da real organização de base, reconhecendo que, mesmo sob condições adversas, os trabalhadores conseguem ter um projeto político independente das classes dominantes.

Embora o pessoal do PMDB badale tanto a tal da "unidade" e da concretude dos projetos, as únicas propostas concretas e unitárias foram levantadas pelos participantes do Movimento Pró-PT do Rio. Entendendo que o encontro não era deliberativo e procurando não transformá-lo nummero comício de propaganda na base do "minha proposta é a mais correta", os companheiros do PT (baseados num dos eixos de campanha votados na 2ª plenária regional: luta contra a carestia e a reforma salarial), propuseram a todas as correntes de opinião presentes a realização de um ato público contra a carestia já em janeiro.

Dentre as resoluções do Encontro, foram então aprovados um ato público contra a carestia a ser realizado no dia 1º de março, data já determinada pelo Movimento contra a Carestia ou, se possível, em janeiro; e uma declaração de repúdio à pichação da Igreja e de solidariedade a D. Adriano.

De resto, fica a advertência para que encontros importantes como esse não se resumam a retalições e discursos ferozes, de pouco ou nenhum saldo positivo. Fica também a sugestão de que tais iniciativas se repitam, congregando não só as lideranças locais, mais desdobrando-se em cada comunidade.

RGS PMDB: o povo vota e os liberais comandam

No dia 9 em Porto Alegre, realizou-se um encontro das oposições populares, com o objetivo de discutir o rumo das oposições e do movimento popular. Esse encontro, o terceiro que se realiza no Estado, sob esta denominação, não foi tão amplo como os anteriores, pois seus organizadores transformaram o seu caráter, de encontro das oposições populares em reunião para organizar o PMDB, restringindo portanto a participação àqueles interessados em articular-se dentro do sucedâneo.

A Comissão Regional Provisória do Movimento pelo PT no Rio Grande do Sul, compareceu apenas para saudar os companheiros do PMDB e distribuir uma nota crítica à reformulação partidária e às limitações do PMDB.

Aqui, trechos do documento:

"Companheiros,

1. A Reforma Partidária foi mais uma fraude contra o povo. O embuste contou, inclusive, com o beneplácito da oposição parlamentar, mais interessada em garantir sua sobrevivência do que estender a luta contra a reforma, ampliando a reivindicação pela plena e total liberdade de organização partidária.

Os novos partidos virão representando os mesmos interesses, e, na melhor das hipóteses, dissidências internas dos vários segmentos da classe dominante ou da pequena burguesia. Procura-se excluir do Parlamento toda e qualquer possibilidade de representação das classes exploradas. Busca-se, inclusive, negá-la juridicamente, proibindo partidos que despertem "sentimentos classistas" para os trabalhadores.

2. Nós, trabalhadores manuais ou intelectuais, assalariados e espoliados por esse regime, não aceitamos essa fraude e a exclusão política a que nos querem condenar. Reafirmamos, alto e bom som, que não desistiremos da organização do Partido dos Trabalhadores, por maiores que sejam os impedimentos e os obstáculos jurídicos que o casuismo da ditadura criar.

3. Para nós, a unidade do movimento popular está

indissolvelmente ligada à questão da reformulação partidária. São tarefas que deveremos encaminhar concomitantemente ou, de novo, capitularemos diante dos artifícios jurídicos da ditadura.

A construção do Partido dos Trabalhadores é a mais correta resposta para quem luta pela total liberdade de organização e expressão para qualquer partido político. Primeiro, porque se dá à revelia do casuismo dos "pacotes" do regime e reflete um anseio, uma aspiração que brota das bases. Segundo, porque responde à necessidade de representação política do movimento popular, no grau de consciência e experiência em que se encontram as grandes massas trabalhadoras: **um partido amplo, massivo, legal, mas, desde agora com caráter classista.**

4. É falso apontar que a organização dos trabalhadores de forma independente e autônoma conduz, hoje, ao isolamento e tende ao sectarismo. Esses argumentos são simples cortina de fumaça para atrelar o movimento popular aos partidos burgueses ou pequeno burgueses.

Quanto aos trabalhadores farão parte dos órgãos de direção do sucedâneo do MDB, alternativa que nos apontam os defensores da "Frente Popular" ou da "Oposição Popular"?

Como vamos orientar as bases no sentido de seu atrelamento a organizações já montadas via parlamento, com as direções já auto-proclamadas, sob o comando de nossos velhos conhecidos como Ulisses, Simon e Brossard?

Nestes treze anos de MDB, os conhecemos muito bem e aprendemos como funcionou a chamada "frente das oposições" emedebista: o povo votando e aplaudindo da platéia e as cúpulas, no palco, falando e decidindo, em nome do povo, mas contra seus interesses.

5. Nossa firme defesa na organização do Partido dos Trabalhadores, porém, não impede que estabeleçamos a ação comum com todos os companheiros oposicionistas ao regime militar e comprometidos com o campo popular.



O compromisso do PT

Por Michel M. Le Ven

Sem dúvida, a classe operária tanto nas grandes cidades como no campo, através da luta dos posseiros e da organização das comunidades de base, se afirmou inequivocamente na sociedade brasileira. Destruíu a imagem fabricada pelo capitalismo nacional e internacional de uma classe dócil, passiva. Na relação das forças políticas, a classe operária com os seus movimentos organizados obrigou a burguesia ao poder a se manifestar nos seus propósitos de dominação e de exploração. A abertura política se manifestou como uma forma de manutenção no poder.

Hoje, o Estado brasileiro não tem condições de disfarçar a realidade de sua política em relação às classes populares. As greves, na sua condução e nos seus resultados, mostraram que não pode inserir no seu projeto político as classes populares. A atuação dos tribunais da Justiça do Trabalho, a decretação da ilegalidade das greves mais legítimas, a violência da repressão, a determinação de não ceder nos pontos fundamentais para o capital, mostram que o Estado em 1979 não é nem o Estado burguês pré-64 que tinha veleidades de procurar apoio nas classes populares. Hoje o Estado não tem nem política trabalhista. Tem ao máximo uma tentativa de capitalizar os movimentos populares através de programas comunitários principalmente a nível de favelas, postos de saúde e associações comunitárias. Mas, enquanto isso, passam subrepticamente leis sobre aposentadoria, reforma do sistema de saúde, aumentos do custo de vida, da gasolina. Somente nestas últimas horas, o ministro do Planejamento fala em trégua e pacto social, numa tentativa evidente de cooptar os setores operários industriais mais organizados socialmente.

Durante a discussão da Reforma Partidária, os partidos, inclusive o ex-MDB, não colocaram a questão central da liberdade partidária numa democracia burguesa. Cada um ficou mais preocupado em garantir a sua sobrevivência e se recolocar dentro do novo quadro institucional numa discussão interna da classe política. Ainda não se sabe ao certo quais as linhas programáticas e as personalidades políticas que constituirão o PTB e o novo MDB. É um jogo que passa longe das massas e dos interesses populares. Não houve defesa e proposta de um partido dos trabalhadores. Mas não seria de nossa parte irrealismo político esperar o contrário?

Unificar o movimento operário

Diante desse quadro, as tarefas do movimento das forças populares não nos parece ser de se enquadrar no jogo do Governo através de pactos sociais de triste memória, nem de tentar resolver desde já a sua situação no plano jurídico-institucional. Há duas tarefas mais urgentes e mais fundamentais para as classes populares. Elas são dialéticamente ligadas, para não cair nem no atrelamento nem no isolamento político. Trata-se de negar a se colocar a reboque da política das classes dominantes sem deixar de estar presente na luta para o reconhecimento a nível institucional. Manter a autonomia de classe e ao mesmo tempo enfrentar

as forças dominantes parecem ser as duas tarefas dialéticamente complementares.

Quanto à primeira tarefa, da afirmação como classe social e política, é necessária a coordenação e organização a nível nacional das lutas e movimentos que brotam espontaneamente no Brasil. Essas lutas precisam hoje de uma direção uma vez que nesses dois últimos anos avançou o movimento sindical e reivindicatório tanto no plano da relação de trabalho como das condições de vida urbana.

Um levantamento exato das lutas no campo também se revelaria indispensável para a elaboração dessa direção das massas trabalhadoras. Por enquanto o silêncio é ainda grande em relação às lutas atuais no campo. O debate se limita à revisão de movimentos que prevaleceram nos anos 70-75. Esse trabalho de avaliação e de coordenação das lutas atuais é um trabalho que tenderia a forjar a unidade nacional da classe social que tem os mesmos interesses econômicos e sociais.

— Por enquanto as lutas são isoladas ou simplesmente recebem manifestações de solidariedade nos momentos mais altos. Trata-se de superar a dimensão corporativa das lutas e de criar uma consciência nacional. Como pode isto se dar concretamente? Não basta evidentemente proclamações da existência de um partido dos trabalhadores ou de um discurso a nível das esquerdas. A iniciativa deve recair sobre as lideranças reconhecidas e em formação para transformar em propostas e bandeiras políticas as vitórias alcançadas pelas massas, a resistência às investidas da burguesia e do Estado no que afeta diretamente o dia a dia dos trabalhadores.

Questões como aposentadoria, reforma do sistema de saúde, aumento do custo de vida, devem ser retomadas, através de campanhas nacionais que com certeza mobilizariam a população.

O dia a dia das massas

Até hoje nenhum partido tomou a sério a exploração coletiva feita através do aumento da gasolina. Ora, é disto que o povo fala no dia a dia e não de programas verbalmente revolucionários: a questão da anistia dos trabalhadores cassados e dos verdadeiros expurgos feitos pelas empresas depois das greves não tiveram ainda o tratamento digno.

Para isto é necessária a aliança dos trabalhadores da cidade e do campo através de suas organizações apoiadas pelas organizações das profissões liberais (médicos, engenheiros e professores) que esperam uma palavra clara para se situar ao lado da classe trabalhadora. Esta aliança é imprescindível hoje conquanto que seja feita sob a direção das classes exploradas. Ela se situa no oposto do diálogo com as autoridades ou de pacto social com o governo. Trata-se de concentrar e acumular forças para o movimento popular conquistar sua autonomia política soberana.

Esta tarefa é evidentemente de um partido. Porém esse partido não se constituirá a partir de núcleos e de adesões individuais como se o partido dos trabalhadores fosse a soma de adesões indivi-

duais. Não se trata portanto de falar do PT mas de fazer que as massas se afirmem politicamente. Esse partido não pode ser construído nos moldes dos partidos burgueses e usar fórmulas do joguinho político que infelizmente não é o privilégio da direita mas uma prática comum dos grupos de esquerda. Com isto não se quer negar o direito e a necessidade das tendências e dos grupos políticos mas somente afirmar que o interesse da classe operária se sobrepõe aos interesses político-partidários.

É hora, no Brasil, de identificar os verdadeiros inimigos e não se devorar entre irmãos. Nenhum grupo político pode despojar a classe operária de seu partido reiterando no plano político a expropriação que se dá todo dia no plano do trabalho.

Qual o caminho para o institucional?

A segunda tarefa é a definição do caminho a ser trilhado para se situar dentro da ordem política burguesa no plano jurídico institucional. Nesse caso precisamos de muitos estrategistas para definir melhor a estratégia para a conjuntura atual. Por enquanto não temos nenhum gênio político, capaz de definir o melhor caminho e reconhecido

pelas massas. É urgente o debate aberto a todos os níveis. Não se faz alianças com partidos burgueses mas nem todo acordo tático em cima de bandeiras específicas e necessariamente reformismo. A luta parlamentar não implica em compromissos políticos com as classes antagônicas. Por enquanto a tarefa principal é a constituição do partido da maioria dos trabalhadores mas isto não exclui a defesa dos interesses populares no plano jurídico institucional.

A unidade do movimento político das forças populares não se dará a partir de propósitos democráticos de grupos dominantes dentro do PT. A unidade não é questão de entendimento nas cúpulas. Ela é forjada e determinada pelas condições estruturais, as lutas e a capacidade de organização das classes populares. Os objetivos políticos da classe operária definem os meios e um partido não deixa de ser um meio. A classe o precede e o constitui historicamente.

Nunca um nome de partido foi tão simples mas tão comprometedor: o partido é dos trabalhadores. Esquecer isto é não só um erro mas um crime contra as classes populares.

Chega de partidos dos patrões

Por Antonio Tadeu M. Alboite (*)

Ao que parece, as esquerdas brasileiras não se desataram das formas tradicionais de luta contra o regime dos patrões, o capitalismo. Nossa memória é fraca. As críticas e auto-críticas em relação a 64 e 68 ficam somente no papel? Chega de frente populares — com patrao e o diabo a quatro no meio — que desembocam em campanhas eleitorais para eleger patrões. Chega de guerrilhas loucas e inconvenientes, que só servem para a repressão cair em cima da classe operária.

Chega de comícios de agitação pela agitação, com palavras de ordem abstratas e que só conseguem juntar uma dúzia de intelectuais. A realidade da classe operária brasileira exige propostas concretas que organizem e conscientizem de que o regime dos patrões tem de ser derrubado e em seu lugar se instalar o regime dos trabalhadores. Então, eis a proposta concreta: o partido dos trabalhadores.

Acredito que não podemos perder de perspectiva que os organismos historicamente reconhecidos da classe operária — o sindicato e o conselho de bairro — devem ser os principais caminhos por onde irá se dar o debate da criação do partido dos trabalhadores. É importante dizer que os conselhos de bairro são organismos democráticos de auto-organização das lutas operárias, verdadeira forma de educação do governo do bairro. Mas é bom que se diga também que esses organismos tem seus

limites nas suas lutas reivindicativas e é exatamente nestes limites que entra a necessidade de um partido dos trabalhadores. Haja visto que o nosso objetivo não é por reformas, mas sim por um governo dos trabalhadores.

Acho também que esses debates devem ser estendidos às oposições sindicais, aos sindicatos rurais, aos estudantes e a todos aqueles que militam na base do movimento operário.

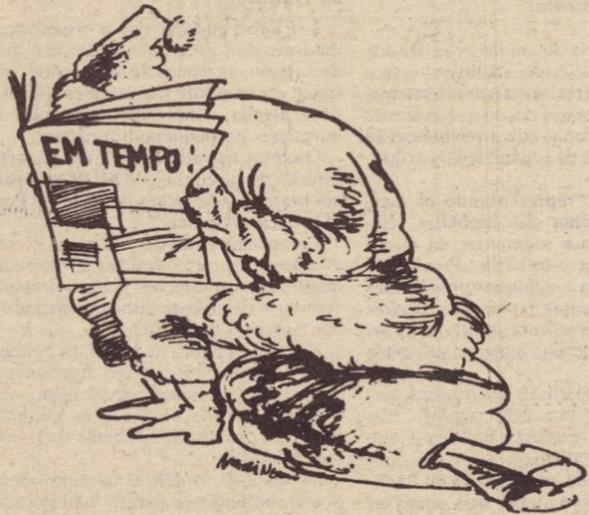
A classe trabalhadora não deseja mais seguir a burguesia e nem vê o socialismo como coisa utópica. Surgiu dos próprios trabalhadores discutir um partido dos trabalhadores, onde patrao não entra (não importa a sigla).

Pois essa é hora de sabermos quem diz e faz, em outras palavras, quais os setores das esquerdas que se intitulam vanguarda da classe operária e aprovam e quais os que usam da demagogia populista e terminam apegados às saias da burguesia.

Aqueles que estão com o PT, a luta não chama.

Aqueles falsos defensores da classe operária que fique o protótipo para conhecimento e repúdio dos trabalhadores. Discursos bombásticos e campanha eleitoral pela continuidade do partido do patrao.

Tecelão e membro do núcleo pró-PT de Alvorada RS



Nesse natal dê EM TEMPO de presente até para você mesmo!

- 1 assinatura = Cr\$ 800,00
- 2 assinaturas = Cr\$ 1.200,00
- 3 assinaturas = Cr\$ 1.500,00

Estou enviando o cheque nº do banco por assinaturas anuais, em nome da Editora Aparte S/A — Rua Mateus Grou 57 — CEP 05445 — São Paulo SP (Fones: 280-4759 e 853-6680). Em anexo, envie os dados abaixo referentes a cada assinante em separado — Nome/profissão/endereço/(Rua/bairro/cidade/Estado/CEP)

E não perca o número especial de 20 de dezembro. São 32 páginas contendo coisas incríveis!

Marighela: "Meu Pai"

O filho de Carlos Marighella, Carlos Augusto Marighella, relembra aqui alguns momentos da vida de seu pai, sobretudo aqueles menos conhecidos, seu lado familiar e carinhoso.

Entrevista a Carlos Prata e João Henrique

Carlos Marighella, um dos principais dirigentes da ALN — Ação Libertadora Nacional — e ex-deputado constituinte pelo PCB, morto pela repressão há exatamente 10 anos, e enterrado às pressas e sigilosamente no cemitério paulista de Vila Formosa, teve no dia 10 os seus restos mortais trasladados para Salvador, sua cidade natal.

A cerimônia, organizada pela Comissão Executiva Nacional dos Movimentos de Anistia e pela família de Marighella — seu filho Carlos Augusto e sua companheira Clara Sharf — foi parte integrante das comemorações do Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos e teve a presença de mais de 200 pessoas, entre elas, Elza Monnerat, representando o PC do B, Apolônio de Carvalho, ex-secretário geral do PCB e Luís Carlos Prestes, representando o PCB.

Frente à urna envolta com a bandeira brasileira, todos discursaram, ressaltando a bravura de Marighella e a preocupação com a regeneração de seu nome "deturpado pela ditadura". Apolônio de Carvalho lembrou o "espírito limpo, cristalino, de Marighella, que foi levado à luta armada pela violência, arbítrio e monstruosidade do regime militar implantado a partir de 64".

O único tom discordante foi dado pelo discurso de Prestes, no qual este critica a opção de Marighella pela luta armada.

Na ocasião, foi feito também o lançamento do livro: "Escritos de Carlos Marighella". (E.O.)

Quais são os dados que você tem da infância de Carlos Marighella?

- Meu pai nasceu a 5 de dezembro de 1911 em Salvador, sendo o primeiro de uma família de 7 filhos. O meu avô era um italiano louro, de olhos verdes e a avó, uma preta retinta, descendente direta de escravos. Na família se conta que meu avô teria vindo fugido da Itália, por ser anarquista e estar sendo perseguido. Talvez este passado de ativista dele é que tenha influenciado meu pai.

- E a situação econômica da família?

- Pela descrição que eu tenho, era uma família de classe média, não chegava a ser abastada. Eu diria que era remediada, tanto que nunca teve problemas para os filhos estudarem. Meu pai, por exemplo, chegou até a cursar a faculdade.

- E como era Marighella, quando estudante?

- Bom, em primeiro lugar, ele se notabilizou como uma pessoa de inteligência invulgar, um aluno brilhante. E, ainda como secundarista é que começou a participação política dele, sendo que já nesta época meu pai foi preso diversas vezes. Inclusive, ele já tinha se notabilizado a tal ponto que muitas destas prisões foram ordenadas pessoalmente por Juracy Magalhães, interventor na Bahia.

- Nesta época ele já era do PCB?

- Sim. E no Partido meu pai teve uma trajetória política muito rápida. Logo ele alcançou os cargos de direção. Pra gente ter uma idéia disso, em 35, logo após o endurecimento que antecedeu o Estado Novo, quase toda a direção do PCB em São Paulo foi presa. E meu pai na época com 24/25 anos,

ainda rapaz, sai daqui da Bahia, e vai fazer um trabalho de reconstrução do Partido em São Paulo. Em 36/37 ele é preso e só sai em 45, ficando portanto, mais de oito anos preso, passando pelas piores prisões da época. Ele esteve em Fernando de Noronha, na Ilha Grande e só saiu com a anistia de 45.

- E este período da vida de Marighella como foi?

- Ele só passou a ter uma vida regular, normal, após a anistia e a Constituinte de 46. Mais ou menos nesta época é que ele conheceu a minha mãe. Em 1948 eu nasci e neste ano as coisas começaram a pesar novamente para meu pai. Ele teve que se abrigar na clandestinidade e minha mãe voltou para a Bahia e me levou junto. Eu só vim a conhecer efetivamente o meu pai, quando já tinha 10 anos. Sabia da sua existência, recebia notícias, eventualmente cartas. Neste período que vai de 48 a 56/57 ele viveu uns anos no Brasil, fazendo um trabalho de direção, e durante algum tempo viveu no exterior, União Soviética e China. Eu conheci meu pai quando o Partido passa a viver na semi-legalidade, que foi em meados do governo de Juscelino.

- Qual a idéia que você fazia do seu pai?

- Era uma idéia meio fantasiosa. Me falavam muitas coisas a seu respeito. Claro que na época eu não sabia exatamente o que era ser comunista, mas já sabia que ele era alguma coisa desse tipo. Em 58 ele reapareceu e deste ano até 1962 eu fiquei quase que morando 6 meses no Rio, com meu pai e 6 meses na Bahia, até que fiz a opção de ficar



Carlos Augusto fala no ato do traslado do corpo do pai.

morando com ele, que na época já tinha uma outra companheira, a Clara. Eu fui crescendo, conhecendo melhor o meu pai e a impressão que me ficou desde o primeiro momento, foi de uma figura extremamente carinhosa. Imaginem vocês, que já homem, com 16 anos, e nunca me lembro de uma noite que tivéssemos dormido em casa e que meu pai não tivesse me beijado na hora de dormir.

- E o lado político de seu pai?

- Só quando eu tinha meus 16 anos é que comecei a compreender e admirar a figura de Carlos Marighella político. Aliás meu pai teve uma influência muito grande na minha decisão posterior de também me tornar um político comprometido com as causas mais populares. Vivíamos juntos e meu pai viajava muito. Tanto que muitas vezes eu tive que estudar em colégio interno. Agora, de vez em quando ele me levava em casas de amigos. Eu conheci o Astrogildo, o Aristeu Nogueira e inclusive alguns militares que depois eu soube ser o esquema militar de Jango. Não era freqüente ele me levar para as reuniões, mas eu conhecia as pessoas que trabalhavam com ele.

- Até quando você morou com seu pai?

- Até 64. Nós morávamos na rua Correia Dutra, no Flamengo, quando aconteceu o golpe. Meu pai, que tinha optado por ficar no Brasil dirigindo o Partido que estava acéfalo, foi preso no dia 15 de maio. Com sua prisão eu decidi voltar para a Bahia.

- Qual foi a última vez que você viu Marighella?

- A última vez que eu o vi, foi no DOPS, em 64. Ele estava convalescendo ainda da tentativa de homicídio que sofrera no cinema, na praça Pena. Bem, depois dessa ocasião nunca mais vi meu pai, até que ele morreu no dia 4 de novembro de 1969, com 58 anos.

- Marighella era mais pai ou mais político com você?

- Para marcar a figura paterna de Carlos Marighella eu quero registrar que ele nunca foi um pai tirano. Ele era uma figura extremamente liberal. E nunca me deu uma educação específica como comunista. Ele sempre comentava muito o que ele

pensava sobre a situação do país e isso terminou por me deixar mais ou menos por dentro da situação.

- E sua participação política, quando começou?

- Eu na época já tinha uma convicção política, inclusive participara como estudante das greves e quando chegou a época de eu me apresentar para servir o exército, houve muito interesse de me incorporar. Acho que a idéia era essa: esse cara ainda é um rapazote, quem sabe se convivendo com o exército ele adquire as nossas convicções. Mas eu sempre fui bem tratado. Agora, eu tenho a certeza que era vigiado, embora de forma sutil. Eu fui interrogado muitas vezes, eles querendo saber o que eu pensava, o que eu sabia, o que queria. E lá na época, 67/68, o famoso sequestro ainda não tinha acontecido. Mas eu me lembro que 67 foi uma época de muita agitação estudantil e diversas vezes o quartel entrou de prontidão. E eu era um "double" de milico e estudante, pois à noite ia pro colégio e em 68, na campanha da UNE, recebi um tiro numa manifestação. O meu pai ficou muito preocupado, me escreveu querendo saber o que tinha acontecido etc. Agora, muitas pessoas me cobram porque eu não entrei para a luta armada. Eu só posso dizer que foram as circunstâncias, as pessoas que estavam a minha volta. O meu pai, no entanto, nunca me cobrou, nunca insinuou que eu deveria fazer isso ou aquilo, embora soubesse de minha vocação política.

- Como você recebeu a notícia da morte de Marighella?

- Depois de muito se noticiar a sua morte, em 68 recebi a notícia por um repórter, que me exibiu aquela foto famosa de Marighella tombado dentro do carro. Pra mim foi um choque terrível e logo eu quis ir para São Paulo. Fomos eu e uns tios, mesmo contra toda a pressão do exército, ameaças, pois não queriam que nós viajássemos. Quando chegamos a São Paulo, o enterro já havia sido feito. Foi às pressas, talvez para que não se apurasse as circunstâncias da morte ou por temerem que o enterro se transformasse numa manifestação política.

Movimento Feminino Pela Anistia É hora de arriar a bandeira?

Por Elvira de Oliveira

No último final de semana, reuniram-se em São Paulo representantes dos vários Movimentos Femininos pela Anistia — MFPA's — para avaliar os trabalhos desenvolvidos até aqui e discutir propostas de continuidade para o movimento, adaptadas à conjuntura que se abre. Entre outros, estiveram presentes os MFPA's de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, Paraíba e Brasília.

Na linha que já defendera no II Congresso Nacional pela Anistia, realizado a pouco em Salvador, Terezinha Zerbini, presidente do MFPA/SP, avaliando o movimento e o momento político, concluiu pela defasagem da luta pela Anistia, já que esta "foi alcançada". E, neste compasso, propunha que o movimento abandonasse a palavra de ordem da Anistia Ampla Geral e Irrestrita e se transformasse em Movimento pelos Direitos Humanos e pela Constituinte.

Sabe-se que a Sra. Zerbini é uma das signatárias do Manifesto do PTB e impulsionadora deste projetado partido em São Paulo. Para alguns, estaria aí a fonte da proposta, pois é negável que o PTB tenta, a todo custo, dar demonstrações de boa vontade ao regime. Arriar a bandeira da anistia seria um gesto digno de nota...

A proposta da iniciadora dos MFPA's, no entanto, não repercutiu favoravelmente entre a maioria das participantes do encontro que, tendo opiniões divergentes sobre a conjuntura que se descortina, se aproximam do eixo de luta definido no II Congresso pela Anistia, realiza-

do recentemente em Salvador. Segundo as representantes do MFPA/MG, por exemplo, "nada indica que a repressão vá parar aqui; desconhece-se qualquer proposta da ditadura de desativação de seus aparatos repressivos. A ditadura dá ampla cobertura às chamadas organizações para-militares de direita, que só em MG praticaram mais de 40 atentados em 79.

Durante todo o ano, os movimentos de anistia de todo o país procuraram responder a esta situação nova que se apresenta. Contudo, apenas no II Congresso conseguiu-se tirar como eixo — e este é a nosso ver o grande saldo deixado pelo Congresso — a necessidade de implementar uma política de defesa e apoio aos movimentos populares, aos movimentos de oposição ao regime".

Também como medida organizativa daqui pra frente, o MFPA/MG tem como proposta a unificação de todas as entidades que encaminham a luta pela Anistia, criando-se uma coordenação dos movimentos.

Frente às propostas existentes e principalmente ante a proposição de Terezinha Zerbini, que significa uma mudança de qualidade nas definições dos MFPA's e mesmo uma mudança no caráter das lutas, para as quais o movimento foi criado, as participantes do encontro deliberaram que nada poderiam resolver sem uma discussão prévia nos seus locais de origem com todas as integrantes do movimento. As decisões quanto aos rumos que deverão tomar os MFPA's ficarão para o próximo ano, quando novo encontro se dará.

Portela quer enterrar os crimes da ditadura

Depois de "presentear a nação" com o projeto de anistia parcial e a extinção dos partidos, era de se esperar que o ministro da Justiça, Petrônio Portela, o homem do "diálogo", se desse por satisfeito, realizado em tão bem servir o poder do qual é produto e peça bem azeitada.

Esperança inútil esta, pois não é que antes de findar este malfadado 1979, lá vem o "bom" Portela com mais de uma de suas artimanhas, mostrando novamente que a espécie de "diálogo" que lhe interessa. Desta vez, de sua cabeça "privilegiada" saiu a proposta de que o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana — CDDPH — deixe de investigar as denúncias de torturas, assassinatos e "desaparecimentos" até agora registrados. E passe a cuidar dos casos que surjam daqui para frente, ou seja, que se passe uma borraça na história dos últimos 15 anos, apagando-se assim, todos os vestígios de cotidiano de terror

vivido por milhares de pessoas, consequência dos atos dos que ainda estão no poder.

Como era de se esperar tal proposta foi aprovada e com ela se deixará de investigar os casos de todos os mortos e desaparecidos. Discordando da proposta, votaram contra os conselheiros Barbosa Lima Sobrinho, Seabra Fagundes e Benjamim Albagli. A medida de Portela, que é presidente do Conselho, muda a interpretação da lei que criou o CDDPH, que de agora em diante limitará sua atuação a casos em que seja possível fazer cessar o desrespeito aos direitos humanos.

Mais do que surpresas com a sugestão e a aprovação da proposta, a estupefação vem do cinismo e do elevado grau de oportunismo com que ela vem carregada, mostrando que o hábito de se tentar apagar a história e reescrevê-la, embora tão usado, ainda não perdeu a atualidade. (E.O.)



Campo/RJ

FETAG exige estatudo

As dependências do teatro Leopoldo Froz, em Niterói, foram pequenas para abrigar os trabalhadores rurais chegados de vários municípios do Estado do Rio. Entre faixas exigindo o "desengavetamento do Estatuto da Terra" e pregando a unidade de assalariados e posseiros na mesma luta, discursaram, entre outros, José Francisco da CONTAG e Heraldo da FETAG.

Os oradores denunciaram a situação de opressão e exploração da população rural. Chamaram a atenção também para a situação em que viviam as famílias atingidas pelos conflitos: "vítimas de toda sorte de violência, ameaças e perseguições". A Reforma Agrária ampla, massiva e com a participação dos trabalhadores foi vista unanimemente

como a única saída para todos os graves problemas na área rural. O ato, comemorando os 15 anos do Estatuto da Terra, foi organizado pela Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro. (JRSF)

Jornalistas

Estadão descumpra a lei

O respeitável jornal "Estado de São Paulo" que costuma chamar o J.J. Abdalla de "mau patrão" não deixa ninguém sentir saudades do velho salafário. Não contente com a repressão desencadeada contra seus funcionários durante e após a greve dos jornalistas (através da repressão policial e de dezenas de demissões), o jornal dos Mesquita vem se notabilizando pelo descumprimento da lei. Primeiro, contra-

riando a própria legislação trabalhista, a empresa demitiu três jornalistas, Lia Ribeiro Dias, Adélia Borges e Wilson Moredauni, que tinham asseguradas imunidades sindicais. Agora, os "gorilas" da segurança interna impediram que a oficial de Justiça Nacéi Gambi entrasse no prédio do jornal e obrigasse sua diretoria a reintegrar a jornalista Lia Ribeiro Dias, conforme a decisão do Juiz Sérgio Mazilli, da 25ª Junta de conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho.

A justificativa para essa arbitrariedade, foi dada na maior cara de pau: a empresa não vai cumprir a decisão porque entrou com um recurso contra a decisão no Tribunal Regional do Trabalho.

Tarifas de Táxi

"Presente de grego"

E os motoristas de táxi de São Paulo estão a ponto de explodir novamente com a situação desesperadora que vêm enfrentando a partir da alta da gasolina e a posterior majoração das tarifas. "Recebemos um autêntico presente grego, afirmou um deles ao Piquetão. Com tarifas, o movimento caiu assustadoramente. Ninguém pensa em tomar táxi, o que ocorre somente em caso de extrema necessidade".

E os motoristas de táxi, que eram favoráveis à criação de um subsídio especial da gasolina para a categoria, não poupam suas críticas ao pelégo Rogério A Torre, que preside o Sindicato dos Autônomos. Segundo eles, o dito cujo, tem sempre o maior interesse em que ocorram reajustes frequentes: é que ele fatura aos potes, vendendo cada tabela provisória aos mais de 30 mil taxistas de capital. Isso só no último aumento, rendeu para a máfia do sindicato, a quantia de 1,8 milhão de cruzeiro, no mínimo. Ninguém consegue entender, porque é que o Torre tem que vender a Cr\$ 60,00 uma tabela cujo custo não chega a Cr\$ 1,00 (um cruzeiro).

Greve Branca

O calo dos "tiras" doem

Acostumados a reprimir grevistas, prendê-los e, se possível torturá-los, os investigadores de polícia de São Paulo estão vendo que não é só o calo dos outros que dói. Se é verdade que eles sempre conseguem complementar seus vencimentos com o produto dos "achques" e trambiques que costumam promover, parece que a coisa está mais difícil agora, quando a falta de "tutu" é generalizada. Por isso, é que eles resolveram iniciar um processo de mobilização, exigindo melhores salários e a concessão dos mesmos índices de reajustes

obtidos pelos delegados de polícia, que, no ano passado, fizeram sua "greve branca".

Como forma de pressão os "homens" vão cometer uma infração: "cumprir a lei", isto é, deixar de cometer as arbitrariedades que fazem o dia a dia da polícia. Só prender com mandado judicial, em flagrante, etc. — que eles deveriam fazer todos os dias — será o método proposto.

Subúrbios

Protestos continuam

E os protestos da população que é transportada como gado nos precários trens suburbanos das principais capitais brasileiras, continuam ocorrendo, cada vez de forma mais violenta. A exemplo do que ocorreu na semana anterior, no Rio e São Paulo, os passageiros dos trens da Rede Ferroviária Federal iniciaram novo quebra-quebra nas estações de Bangu e Santa Cruz, no Rio, na segunda, dia 1º.

Toda a violência policial que resulta dessas manifestações, não consegue esconder o escandaloso estado em que se encontra o transporte ferroviário brasileiro, nem impedir que o povo se manifeste, agressivamente.

Professores/SP

Concentração segunda, 17

Os professores da rede oficial de ensino estão sendo convocados pela APEOESP para uma gigantesca concentração na próxima segunda-feira, 17, às 15 horas, em frente ao prédio da Secretaria de Educação, no Largo do Arouche. Naquela ocasião, eles protestaram contra a marginalização que vêm sofrendo, recebendo as decisões do governo do Estado como se fossem "pratos feitos", sem a possibilidade da sua menor participação. Isso ocorreu, por exemplo, com relação ao decreto que estabeleceu a regulamentação da jornada de trabalho e contra portaria do Departamento de Recursos Humanos da SEC que obriga o professorado a trabalhar na atribuição de aulas até o final de janeiro do próximo ano, praticamente cancelando suas férias.

Sabesp

Auxílio-doença

Quem precisar de auxílio doença, no Brasil, morre primeiro de fome, se for depender de dinheiro que o INPS deveria pagar. Por exemplo, é o que acontece com uma funcionária da SABESP,

que teve que tirar licença de três meses, para fazer tratamento médico. Segundo a lei, ela deveria receber do INPS 70% sobre a média salarial dos últimos 12 meses (que no seu caso significaria Cr\$ 4.400,00 de auxílio doença) ficando o resto, segundo acordo com a SABESP, por conta da empresa. Acontece que já há dois meses que a funcionária não vê nenhum "barrão" do Instituto pela frente. E da SABESP, mesmo, ela recebeu apenas Cr\$ 2.200,00. E como é que fica a situação dela? Quem é que paga os seus medicamentos, o feijão e o pirão?

Operário-Padrão

Festa em Brasília

Numa promoção conjunta do jornal "O Globo" e do Serviço Social da Indústria (SESI), os 21 operários-padrão de todo o país foram apresentados ao general Figueiredo, na segunda-feira, 1º. A "carneirada", bem nutrida, recebeu os maiores afagos do tal de João, ultimamente meio resabiado com as contínuas manifestações de protesto dos trabalhadores brasileiros.

E se alguém tinha que ser escolhido como "operário padrão" no Brasil, não seriam os que estiveram puxando o saco da ditadura: tinha que ser dado é pra o pedreiro Orocílio de Belo Horizonte, para o metalúrgico Sebastião de Divinópolis ou para outro metalúrgico, Santo Dias da Silva, de São Paulo, mortos por sua solidariedade, não para com os patrões, mas com os seus companheiros de classe.

Matarazzo

Explicando a crise

Cerca de 130 médicos autônomos, que prestam serviços para o Hospital Matarazzo, em São Paulo, estão sem receber seus honorários desde maio, num total de 29 milhões de cruzeiros. Essa situação calamitosa foi a principal motivo que levou-os a parar suas atividades a partir da sexta-feira dia 7, em protesto contra o descabimento da administração do Hospital que, por sua vez, joga a culpa no INAMPS, responsabilizando-o por atrasar o pagamento dos créditos do Matarazzo.

Mas a crítica ao hospital não para por aí. Segundo alguns funcionários, a maioria das instalações estão caindo aos pedaços, sem sofrer qualquer reforma há pelo menos 10 anos, o atendimento aos pacientes rivaliza com o de qualquer açougue da periferia, os serviços "frios" e desnecessários, acrescentados às notas enviadas ao INAMPS são uma constante. E do ponto de vista dos funcionários, nem é bom falar: além de pessimamente pagos, eles não recebem o adicional de insalubridade a que tem direito, por lei.



Leia e assine

EL VIEJO TOPO
e TRANSICION
(Espanha)

Distribuição para
todo o Brasil

EDITORA
COMBATE
SOCIALISTA

EL VIEJO TOPO — * Assinatura: 6 meses: 1 ano
* Números EXTRAS 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7.
* Coleção completa: do nº 1 ao 37

TRANSICION — * Assinatura: 6 meses: 1 ano
* Coleção completa do Nº 1 ao 13

Assinaturas: Não é necessário pagar nada antecipadamente, o assinante pagará cada revista pelo reembolso postal mensalmente.

Preço: EL VIEJO TOPO e TRANSICION Cr\$ 125,00 cada exemplar, inclusive os números atrasados e números extras.

Preencha o cupom, ou escreva uma carta, e envie para EDITORA COMBATE SOCIALISTA — Caixa Postal, nº 10319 — CEP 90.000 — Porto Alegre Rio Grande do Sul.

As greves da semana

SETOR	LOCAL	N.º DE GREVISTAS	REIVINDICAÇÕES PRINCIPAIS	Duração	RESULTADOS
Camioneiros	Porto Alegre (RS)	800 motoristas	Reajuste de 50% nos preços dos fretes	27/11 a	_____
Operários da Cizeleto (empregadora da) CHESF	Salvador (BA)	300 operários	Reajuste de 56% nos salários	6/12 a	_____
Trabalhadores em moinho de trigo	Santos (SP)	1.300 trabalhadores	Reajuste de 70% e piso de 5.000,00	3/12 a	_____

A experiência do CGT: “Democratização pelo alto”

A discussão em torno da Central Única dos Trabalhadores, promovida no movimento sindical atualmente, remete necessariamente ao estudo da experiência do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) Sem dúvida alguma, a mais importante experiência já feita, no País, para a criação de uma organização sindical centralizada, sua história, erros e virtudes, são discutidos nesta entrevista com Lucilia Neves, da Universidade Federal de Minas Gerais, que está concluindo uma tese de mestrado sobre o CGT.

Por Eder Sader

Que fatores conjunturais e quais características do movimento sindical permitiram o desenvolvimento da experiência do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT)?

Lucilia — O CGT não foi fruto somente de uma conjuntura de crise propícia ao desenvolvimento de reivindicações e mobilizações trabalhistas, mas também de uma experiência do movimento sindical, que já vinha se desenvolvendo desde o período da “redemocratização”, na década de 1940. Já nesta época, houve algumas tentativas de se criarem inter-sindicais como o Movimento Unificado dos Trabalhadores (MUT) e a Confederação dos Trabalhadores do Brasil (CTB). A época da criação do CTB, havia uma cisão no movimento sindical que vai se expressar por duas correntes básicas e vai perdurar desde 1946 até 1964: havia uma corrente contrária a criação de uma central sindical, ligada ao Ministério do Trabalho e por isso, ela recebeu o nome de “ministerialista”, e acabou formando os quadros da CNTI, criada pelo Governo para fazer frente ao avanço dos comunistas e de um setor mais autêntico do PTB, no movimento sindical. A essa corrente pertenciam elementos como Ari Campista e Diocleciano de Holanda Calvalcanti.

No Congresso Sindical, realizado em 1960, essa controvérsia volta novamente: a corrente ligada à CNTI se opôs à criação de uma Central Sindical, argumentando que era proibida por lei e que teria fatalmente objetivos políticos — e não interesses reivindicatórios imediatos — já que congregaria trabalhadores dos mais diversos setores da produção. Os representantes dessa corrente acabaram por se retirar do Congresso e a tese da criação de uma Central Única foi aprovada pelo restante dos congressistas. Desde então redobram os esforços do PCB e da ala autêntica do PTB, visando a criação de uma Central de Trabalhadores.

Uma série de movimentos grevistas começaram a ser desencadeados, consolidando junto aos trabalhadores as futuras lideranças do CGT. Um desses primeiros movimentos foi a chamada “greve da paridade”, ocorrida no final de 1960, ainda no Governo Juscelino, e que mobilizou os ferroviários e portuários que reivindicavam uma equiparação salarial com os setores militares. Apesar da greve não ter sido vitoriosa em relação a reivindicação econômica, ela contribuiu demais para a organização dos trabalhadores e para o fortalecimento dos comunistas junto às categorias grevistas. Outro episódio que fortaleceu as lideranças empenhadas na criação de uma Central Sindical, foi o da renúncia de Jânio Quadros. Nessa ocasião os ministros militares se opuseram à posse do vice-presidente João Goulart, alegando que ele criaria no país uma “república sindicalista” e que tinha vinculações com os comunistas. Diante disso, os setores populares vão se unificar para garantir a posse de Goulart, na chamada “campanha pela legalidade”

“O CGT é fruto da experiência do movimento sindical, a partir de 1940”

Uma série de greves vão ser desencadeadas por todo o Brasil, sob a pressão da conjuntura, e no decorrer do movimento vai ser criado um Comando Geral da Greve. Este comando vai se compor exatamente dos principais líderes que vieram a formar o CGT, e vai atuar até agosto de 1962 quando o CGT é criado. Em dezembro de 1961, vai ocorrer outro episódio que me muito fortaleceria o movimento pela criação do CGT: nas eleições realizadas para a composição da diretoria da CNTI, a corrente que expressava a aliança entre o PCB e os setores autênticos do PTB conseguiu derrotar a corrente “ministerialista”, que estava à frente da entidade desde a década de 40. A ascensão dos comunistas e trabalhistas à diretoria da CNTI foi fundamental, porque esta entidade foi praticamente o grande suporte de infra-estrutura para o CGT se articular já que ele não tinha nenhuma estrutura legal, administrativa para funcionar. Finalmente, em julho de 1962, foi desencadeada uma greve geral que vai ser o grande teste da capacidade da penetração do Comando Geral da Greve. Quando da renúncia do primeiro-ministro Tancredô Neves, João Goulart indicou como substituto o nome de Santiago Dantas. E diante do veto do Congresso ao nome de Dantas, sob pretexto



Comício em Belo Horizonte pela posse de Goulart

de que ele seria favorável às reformas de base, é desencadeado um movimento grevista nacional, que vai durar 24 horas, em oposição ao nome do conservador Auro de Moura Andrade, indicado pelo Congresso (acabou assumindo Brochado da Rocha).

Assim, em 1962 no quarto Congresso Sindical, realizado em São Paulo, o CGT vai ser fundado, com a presença de quatro mil congressistas, envolvendo dirigentes sindicais, representantes de federações e das inter-sindicais estaduais e nacionais. A partir daí ele passa a ser a grande entidade dirigente do movimento sindical.

Como vai ser a organização do CGT? Você concorda com a crítica usualmente feita ao CGT de ter conciliado e não rompido com a estrutura corporativa sindical?

O CGT vai ter duas bases de apoio fundamentais: as organizações sindicais oficiais, as Federações e as Confederações nacionais como a CNTI e a CONTEC e, por outro lado, as inter-sindicais municipais, estaduais, e mesmo nacionais, que foram sendo fundadas no desenrolar das lutas sindicais ocorridas no final da década de 50 e nos anos iniciais de 60. Uma das inter-sindicais mais poderosas do período vai ser o Pacto de Unidade e Ação (PUA) que englobava os ferroviários, portuários e estivadores de todo o Brasil. Os dois grandes dirigentes do PUA eram Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários e Osvaldo Pacheco, portuário, ambos do PCB. Outra entidade inter-sindical que vai ser muito importante como suporte do CGT será a Comissão Permanente de Organizações Sindicais (CPOS), do Estado da Guanabara. Os seus dirigentes mais expressivos eram Roberto Morena, da Federação dos Marceneiros (e também do PCB), Hércules Correia, presidente da Federação dos Têxteis (PCB) e Benedito Cerqueira, que era do PTB e da Federação dos Metalúrgicos da Guanabara. Em São Paulo, temos o Foro de Debates Sindicais, de Santos, onde, inclusive vão ser realizadas as discussões sobre o novo Código do Trabalho, posteriormente apresentado por Almino Afonso.

Quanto à questão da conciliação do CGT com a estrutura corporativa, a situação não é tão simples assim. O CGT, enquanto proposta, inclusive apresentada no III Congresso dos Trabalhadores da Indústria, era uma entidade para se situar no topo da pirâmide sindical, acima das Federações e Confederações. Neste sentido, nós poderíamos dizer que o CGT estava complementando a estrutura sindical oficial. Mas, por outro lado, a própria tentativa de se construir uma organização horizontal, que não era permitida pela lei, significava um rompimento, de alguma forma, com a estrutura sindical. O que tem de ser discutido é o seguinte: a proposta de organização do CGT rompia com a estrutura sindical pelas cúpulas e não pelas bases, nas fábricas. Foi assim uma tentativa de “democratizar pelo alto”. E é neste sentido que se pode falar da grande contradição do CGT: ao mesmo tempo que significava um rompimento com a estrutura sindical, a sua proposta de organização levava em conta esta estrutura.

Qual a relação mantida pelo CGT com os partidos políticos?

A composição do CGT revela a presença fundamental de dois partidos políticos em sua estrutura. Por um lado, como já havia me referido, uma corrente mais autêntica do PTB, que se fazia presente através de dirigentes como Clodsmith Riani, Benedito Cerqueira e, por outro lado, a corrente que vai ser realmente hegemônica no CGT, formada pelos elementos ligados ao PCB. E as diretrizes do PCB vão ser bem expressas nos conteúdos e nas lutas do CGT, neste período, especialmente as propostas de reformas de base, a luta anti-imperialista. Propostas aprovadas pelo V Congresso do PCB, realizado no final da década de 50. Este Congresso vai definir, como etapa da revolução brasileira, para se chegar à etapa socialista, um período democrático, na qual as principais lutas seriam a anti-imperialista, anti-feudal e pelas reformas de base.

“Representou, de alguma forma, um rompimento com a estrutura sindical”

No início dos anos 60, o movimento sindical tinha algumas bandeiras nitidamente coladas aos interesses mais imediatos da classe trabalhadora como previdência social, salários, jornada de trabalho. Estas lutas, em um segundo momento não vão ser abandonadas de todo, mas vão ser preteridas pelas lutas de caráter político mais geral. Isto porque o PCB e a corrente do PTB a ele aliada no CGT, considerava que para alcançar melhorias significativas nas condições de vida dos trabalhadores era necessário fazer uma reforma na estrutura produtiva do país. A reforma agrária era considerada fundamental, porque geraria uma melhoria nas condições de vida dos camponeses e uma ampliação do mercado interno, principalmente o destinado à indústria nacional de bens de consumo popular. Eles chegavam a afirmar que estas propostas eram de interesse da própria burguesia nacional, que naquela etapa do capitalismo brasileiro estava sofrendo uma crise devido à queda do consumo, advindo do achatamento dos salários das classes populares. Em síntese: as principais bandeiras que o PCB definiu para a conjuntura vão ser incorporadas, “ipsis literis”, pela CLT. Mas, mesmo assim, é importante perceber que houve uma série de conquistas alcançadas pelo movimento sindical, no período, como o 13º salário, o salário-família e uma série de aumentos salariais.

A força do CGT era mesmo nacional? Que categorias de trabalhadores eram mais mobilizadas? Qual a participação dos trabalhadores rurais no CGT?

Nós não poderíamos dizer que o CGT foi uma entidade realmente nacional, porque a sua grande base vai ser o setor industrial, que se concentrava em São Paulo, Rio e Minas. Mesmo assim, ele tinha

uma penetração mais fraca em alguns outros Estados do nordeste, mais por causa dos trabalhadores ligados à ferrovia (Bahia, por exemplo) e em alguns Estados do sul, que faziam o eixo dos ferroviários, portuários e estivadores. A composição de categorias dentro do CGT era bastante variada e dizer que o grande suporte do movimento sindical, no período, era o setor estatal, não está correto. A indústria mais tradicional, como a têxtil e a alimentar tinham um peso muito grande na organização do CGT.

O programa do CGT expressa a influência das teses do PCB

Outros setores que também estiveram presentes foram os gráficos, os marceneiros, metalúrgicos, químicos, principalmente os de São Paulo, e petroleiros. E também os setores de serviços como o bancário e o de transportes. Quanto aos trabalhadores rurais, especialmente depois da fundação da CONTAG, em cuja diretoria o PCB teve uma forte participação, vai haver uma participação mais das cúpulas, no CGT. Havia a proposta do PCB de se fortalecer o sindicalismo rural para se viabilizar uma aliança operário-camponesa, mas isto nunca se efetivou de fato. O CGT foi uma entidade basicamente urbana.

Qual era o relacionamento do CGT com as bases operárias?

O CGT se propunha com bases regionais e estaduais, criar comandos estaduais dos trabalhadores, que muitas vezes vão ser as próprias organizações inter-sindicais. Por exemplo, na Guanabara o Comando estadual da Guanabara vai ser o CPOS. Em Minas, vai ser criado a CGT estadual e, em São Paulo, também, mas baseado principalmente no Pacto de Ação Conjunta (PAC). Agora, não há um trabalho efetivo junto às bases, criando lideranças intermediárias, nas fábricas. Este trabalho começou a ser esboçado, mas não era forte, exatamente porque a ênfase nas mobilizações foi mais nacional, preterindo as lutas com maior potencial de organização pela base. Assim, poderíamos dizer que a grande fraqueza do CGT foi não ter desenvolvido uma organização de base e que possibilitasse enfrentar com mais vigor um momento de crise. Quando as greves eram por setores profissionais, na maioria das vezes eram deflagradas por assembleias gerais. Mas, no momento em que começaram a ocorrer greves ou ameaças de greve nacionais, elas eram definidas pelas direções das inter-sindicais e pelo CGT, sem a realização de assembleias gerais e sem uma consulta prévia às bases. Não havia um mecanismo de consulta permanente que, em dado momento permitisse ao CGT, como resposta à pressão da conjuntura, deflagrar uma greve após um processo de discussão anterior junto às bases. Então, algumas greves que foram definidas pelo CGT e pelas diretorias das inter-sindicais não conseguiram se efetivar na maioria dos Estados, exatamente por um fraco enraizamento nas bases.

É o caso da greve geral convocada pelo CGT em abril de 1964, que não conseguiu se efetivar, já que não haviam lideranças intermediárias ou de base que mantivessem o movimento funcionando em um momento em que suas grandes lideranças haviam sido desativadas.

Num momento em que o movimento operário parece retomar o seu vigor, e em que se discute a formação de uma Central Única, que aspectos da experiência do CGT você considera mais relevantes de serem lembrados?

Ela foi sem dúvida, uma experiência muito rica, que pretendia, de fato, melhorar as condições de vida da população trabalhadora. No entanto, ela teve uma série de vícios que prejudicaram o seu caminho. Houve um progressivo distanciamento das bases e dos problemas mais imediatos da classe trabalhadora a medida do desenrolar da crise política dos anos 60. Por isso é ilusão pretender criar uma entidade geral dos trabalhadores contando apenas com recurso de Federações, Confederações e de diretorias sindicais. A fábrica, que é o local onde se reproduz a dominação é o local básico para se organizar os trabalhadores, através de comissões e de delegados sindicais. Isto na experiência do CGT foi muito precário.

Figueiredo confessa: Solução para a dívida externa é endividar mais

Por Eder Sader

Na sua austera fala na TV no dia 7 passado, Figueiredo anunciou um conjunto de medidas (ver box) para atacar, "como prioridade fundamental", o "gravê problema da inflação", sem cair numa "recessão econômica", "inteiramente afastada dos meus propósitos".

Com efeito, a divulgação de uma taxa inflacionária de 80% este ano produziu um alarme nos círculos dominantes, fazendo crescer as inquietações acerca de uma eventual perda de controle da situação. A Fundação Getúlio Vargas chegou a rever seus cálculos para enfatizar que "não chegaremos aos 80%". No começo do ano dizia-se que não chegaríamos aos 40%, depois 50% passou a ser o limite, em seguida os 60%... O que acontece é que essas afirmações já perderam todo o crédito.

Mas os tecnocratas do governo sabem que não podem enganar facilmente os banqueiros internacionais. E estes já advertiram que a obtenção de novos empréstimos dependia da capacidade do governo de conter sua inflação. A revista de negócios americana "Business Week" colocou a questão — "Os bancos estrangeiros farão soar o apito para o Brasil?". Em matéria dedicada ao nosso país, diz que a pretensão de Delfim de manter um crescimento anual de 7,5% depende da captação de 15 bilhões de dólares em financiamentos externos, mas que seus fornecedores tradicionais já não têm a mesma boa vontade dos anos de "milagre". E cita as palavras do vice-presidente de um banco que é dos maiores credores do Brasil: "Se as coisas não começarem a se estabilizar no próximo ano, o Brasil perderá sua capacidade de tomar empréstimos". E olhem que naquele momento, as previsões para a inflação não ultrapassavam ainda os 65%.

Mas para a estratégia de Delfim, esses empréstimos são fundamentais. Sua solução para o nosso endividamento é... endividar-se mais. Contrair novos empréstimos para pagar os juros dos empréstimos já feitos. Sabe-se que o capital financeiro internacional não se preocupa com aumento da dívida, enquanto confiar que continuará chupando em juros e amortizações todo o dinheiro enviado. Porisso só querem é certificar-se da "estabilidade" da economia.

Delfim quer reeditar o "modelo exportador"

Por Andreas Maia

O centro das medidas governamentais, a desvalorização do cruzeiro em 30% com relação ao dólar, com o objetivo de "realizar este ano os ajustamentos fundamentais, absorvendo o ônus transitório de uma inflação correativa", provocou as manifestações políticas mais contraditórias possíveis.

O empresário não deixou de dar apoio total às medidas. Sérgio Ugolini, vice-presidente da Associação Brasileira de Indústria Elétrica (Abinee) afirmou que "era necessário um pacote de medidas para corrigir as distorções provocadas durante o governo Geisel". Na mesma linha de apoio declarou Cláudio Bardela: "a max-desvalorização permitiu que cheguemos à realidade monetária". Neste mesmo tom também falou Paulo Francini, presidente do Sindicato da Indústria de Refrigeração do Estado de São Paulo.

A desvalorização do cruzeiro e o fim dos incentivos fiscais e creditícios à indústria e a exportação, já era esperada pelos empresários. "Não há dúvida que a medida é muito forte para as empresas, pois embora deixem de pagar os custos dos seus empréstimos externos, também passam a não mais contar com estes recursos para suas atividades... mas para a economia, é uma forma de o governo mostrar que não está mais disposto a consertar os déficits do balanço de pagamentos com o uso de recursos do exterior (empréstimos) e, sim, com o aumento das exportações", declarou Antonio Carlos Borges, diretor-superintendente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.

As lideranças sindicais, no entanto, não compartilharam desta euforia. Segundo Arnaldo Gonçalves, dos metalúrgicos de Santos, a retomada do modelo exportador "é inflacionário e para manter esse modelo competitivo no mercado externo eles procuram conter a inflação congelando os salários". Para Jacob Bittar, dos Sindicatos dos Petroleiros de Paulínia, a reação dos trabalhadores "vai ser a pior possível". E a opinião mais incisiva partiu de Paulo Skromov, do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Couro: "caiu por terra esse argumento



O déficit comercial (gastos das importações menos saldos das exportações) este ano alcançará 3,4 bilhões de dólares. O plano do governo procura aumentar as exportações e as entradas de capital. Mas estas vão significar novos acréscimos da dívida externa. No ano passado, só os juros pagos ao exterior alcançaram 3,3 bilhões de dólares e neste ano técnicos da FGV estimam o montante em 3,5 bilhões, maior portanto que o próprio déficit comercial. Ainda mais: as amortizações do capital estrangeiro invertido no país foram de 5,2 bilhões de dólares em 1978 e deverão chegar aos 6,3 bilhões este ano. O total da dívida externa alcança neste final de ano a estratosférica soma de 53 bilhões de dólares, ou seja, cerca de 2 trilhões de cruzeiros.

Aprendiz de feiticeiro

Não há dúvida assim que a dívida externa continuará crescendo. E a inflação?

Apesar de toda a retórica do governo, é difícil esperar que ela seja segura com a política anunciada por Figueiredo. A diminuição das despesas públicas com os cortes de subsídios e de gastos das empresas estatais será pouca para compensar os efeitos inflacionários do encaixamento do dólar e dos artigos importados (ou para os quais sejam necessários insumos importados).

Diferentemente de Simonsen, Delfim quer combater a inflação através do crescimento econômico e não da recessão. Mas — leal às multinacionais — trata-se de um crescimento econômico compatível com a necessidade delas. Trata-se assim hoje de estimular as exportações e o campo de inversões para o capital estrangeiro. O "combate à inflação" através das medidas anunciadas poderá significar exatamente o seu contrário: um aumento da inflação. Só que — para enganar os tolos — virá chamada de "inflação correativa".

Mas é possível que o feiticeiro esteja brincando com fogo. Ele não tem mais o silêncio imposto à sociedade pelas baionetas. E tem uma taxa inflacionária crescente. Nessas condições, ele está com um malabarista em corda bamba e a perda de controle pode dar-se de um momento a outro.



que os culpados pelo aumento do custo de vida e da inflação eram os trabalhadores". Com essa nova orientação do governo, continua Skromov, "estabelece-se uma situação de grande preocupação para os trabalhadores, pois decreta-se definitivamente a falência da nova política salarial" e a tendência é "estabelecer-se uma situação de anarquia, onde todos os setores reivindicarão de forma desordenada e independente".

As limites do modelo exportador

Acentuou-se novamente, com o pacote econômico, as "soluções exportadoras" para a crise econômica do país. A max-desvalorização do cruzeiro em 30% com relação ao dólar (este passa a custar Cr\$ 42,53) tem como objetivo estimular as exportações, mas por outro lado encarecerá as importações e acabará aumentando a dívida externa em cruzeiros das empresas, e a inflação, pois precisarão de "mais dinheiro" para pagar as prestações dos empréstimos no exterior.

A tentativa de incrementação das exportações como forma de sair da crise econômica não é uma solução nova. Ela foi tentada durante os anos prósperos do "milagre econômico". No entanto a conjuntura internacional não é mais a mesma. A partir da recessão generalizada em 1974 nos principais países industrialmente avançados desenvolveu-se uma luta exacerbada entre as economias imperialistas pela disputa do mercado mundial. As dificuldades são evidentes.

Por outro lado, o pacote de medidas econômicas aponta para uma escalada inflacionária sem precedentes. A recessão econômica, ameaça que paira sobre a economia brasileira e vista como a única saída pelo ex-ministro do Planejamento Simonsen, vem sendo combatida pela inflação galopante. Atinge-se os 80% este ano e tudo indica que ela será alimentada ao invés de ser combatida.

A ofensiva patronal continuará golpeando o bolso da classe trabalhadora. Os empresários aplaudiram as medidas pois sabem que em última instância tem a exploração da classe trabalhadora como solução.

15 vagões incendiados nos subúrbios cariocas O povo já não aguenta mais

O sufoco chega ao limite. Os salários arrojados, a ameaça permanente do desemprego, a repressão por todos os lados e a toda hora. E o governo continua a jogar a saída da crise nas costas dos trabalhadores. A qualquer momento, da aparente calma e rotina, surge a gota d'água. E a revolta explode. O povo já não aguenta mais...

Por Andreas Maia

Em seis dias elevou-se para 15 o número de vagões de trens suburbanos destruídos pela fúria popular no Rio de Janeiro. Na segunda-feira, 10 de dezembro a composição suburbana que estava uma hora atrasada em direção à Estação Pedro II sofreu um curto-circuito entre as estações de Campo Grande e Augusto Vasconcelos nas primeiras horas do "rush", às 6:22. Logo que souberam que o trem estava avariado, os passageiros começaram a protestar. Apedrejaram o trem, atravessaram dormentes nos trilhos, incendiaram três vagões com gasolina e quase lincharam o maquinista de uma locomotiva diesel enviada para rebocar o trem danificado. Bombeiros e os choques da PM intervieram efetuando prisões dos primeiros pobres-coitados que caíssem em suas mãos.

Numa situação semelhante, a fúria popular com pedra e fogo destruiu na quinta-feira, 6 de dezembro, um trem avariado logo no início da manhã, também no Rio de Janeiro. O resultado foi que quase 20 mil passageiros danificaram 42 vagões, incendiaram 11, depredaram as estações de Comendador Soares e Austin. O apedrejamento de trens continuou à noite, incendiando-se ainda mais um trem na Baixada. Os choques da PM, e a segurança da RFFSA, foram recebidos a pedradas, passando a reprimir a tiros a explosão dos populares. No dia anterior, quarta-feira 5 de dezembro três composições foram depredadas. A cena iria repetir-se nos dias seguintes: atuação com violência da segurança da RFFSA e da PM, prisões e espancamentos e acusações de "sabotagem" e de "infiltração" entre os populares exaltados.

O que dizem as autoridades

Ô diretor de Transporte Metropolitano da RFFSA,

engenheiro Heinz Manfred, reconheceu que os trens suburbanos que servem a Grande Rio estão funcionando acima da capacidade máxima. Transportam 600 mil passageiros/dia com tendência a crescer enquanto que a capacidade possível é de 550 mil passageiros/dia. Os velhos trens apresentam 630 avarias por um milhão de quilômetros rodados enquanto que os novos registram 0,1 na mesma quilometragem.

Por sua vez o problema de colapso já era previsto pelo presidente da RFFSA, coronel Carlos Aloysio Weber quando foram comprados novos trens (cerca de 150) à indústria nacional.

O ministro dos transportes, Eliseu Rezende, ao autorizar providências urgentes com o deslocamento de trens da FEPASA para aliviar a situação da rede suburbana no Rio, não deixou de reconhecer que as depredações que vêm ocorrendo há uma semana decorrem de atrasos de 15 a 20 minutos nos trens antigos. Após exaltar as melhorias introduzidas com as composições importadas do Japão, o ministro não deixou de criticar a indústria nacional pois "tudo poderia estar resolvido caso o governo não preferisse incentivar a indústria nacional, importando todas as composições".

Contudo todas as declarações oficiais jogam as responsabilidades sobre terceiros, quer dizer "nos atrasos da indústria nacional", ou então em falhas técnicas misteriosas. Mas são os próprios técnicos e funcionários da RFFSA que desmentem as evasivas das autoridades. Para os funcionários que trabalham no ramal de Nova Iguaçu, a responsabilidade pelos frequentes atrasos e enguiços de trens cabe à atual administração da Divisão Especial do Subúrbio do

Grande Rio. Os trens deixam as oficinas com defeitos e quase nunca completam a viagem. A paralisação acaba prejudicando as demais, chegando às vezes a paralisar tudo.

A insatisfação popular

O drama dos populares que necessitam dos serviços de trens suburbanos reflete mais a realidade do que as frias estatísticas dos técnicos. E o caso do funcionário da Light, Genildo Ferreira, morador em Austin. É um caso semelhante a outros milhares de passageiros que usam os trens diariamente. Para o funcionário da Light não existe subversão nos quebra-quebras, mas uma revolta natural diante dos atrasos diários, explicou que para chegar até o local em que trabalha no centro do Rio, às 8 horas em ponto, costuma sair de casa às 3h45m, mas que ultimamente acaba chegando na Estação D. Pedro II depois das 9h. Vive sofrendo advertências e suspensões no emprego.

O drama pior contudo está em enfrentar esta rotina duas vezes por dia em trens velhos e superlotados. Os trens costumam viajar tão lotados na hora do "rush" que impera a lei da selva para poder se viajar. É costume, quando um trem apinhado de gente amassada no seu interior pára na estação, serem os próprios passageiros acovelados que decidem quem entre e quem sai. Quem não consegue entrar e está em frente às portas deve se agarrar a qualquer coisa na hora de partida do trem pois é simplesmente atirado para fora.

Por sua vez as condições de segurança são inexistentes. Os trens funcionam de portas abertas e as estações de acidentes são elevadas. A RFFSA



Sob a mira das armas, a polícia prende os manifestantes

sempre preferiu a solução mais cômoda: os pingentes são marginais bagunceiros e são caso de polícia.

Nestas condições de "stress" cotidiano, o trabalhador usuário só pode explodir quando acontece um atraso prolongado. As condições de vida se deterioraram no geral; as medidas de austeridade econômica só podem gerar insatisfação e os quebra-quebras como a revolta dos "office-boys" durante a greve dos bancários em S. Paulo, "estouros de boladas". Sem compreender o que se passa à sua volta, arrojado pela conjuntura e inexistindo ainda meios de pressão popular mais eficazes, o trabalhador acaba inconscientemente destruindo o trem pelo qual, ele, paradoxalmente, deveria lutar para que melhorasse os seus serviços.

O fracasso dos sistema de transportes

O governo colhe os frutos que semeou. Já se vão os tempos em que os Andreazzas, sob o governo Médice, fizeram grandes negócios com obras faraônicas inúteis como a Ponte-Rio-Niterói, a Trans-

samazônica, etc. Ao invés de investirem nos meios de transportes mais baratos como a ferrovia e que têm a característica de ser um transporte de massa eficiente. Mas tal política significaria colocar em segundo plano a indústria automobilística e reciclar todo o modelo econômico imposto para atender as necessidades das multinacionais.

Agora, em plena época em que se decreta a "crise de energia", a economia com os gastos de importação de petróleo e aumenta-se os preços da gasolina, o governo continua fechando os olhos para melhorias substanciais do sistema de transportes em escala nacional. As verbas e ajudas para os Metrô's continuam em conta-gotas, a modernização das ferrovias continua atrasada e nada indica que o governo conseguirá reinverter a situação.

Neste contexto, o mínimo que se pode esperar é novos quebra-quebras, mortes e violência. E para variar as costumeiras acusações de "infiltração comunista".

Uma resposta ao aumento do preço

A atual onda de depredações de trens não deixa de estar ligada à política econômica recente do governo. O preço das passagens de subúrbio elevaram-se, a partir de 1º de dezembro juntamente com o preço da gasolina, em 50%. E o trem é parte insubstituível da «estratégia de sobrevivência» das famílias que ganham salário mínimo. A título de exemplo, os gastos mensais de um trabalhador que viajasse todo dia de ônibus, da Estação Comendador Soares, (onde foram queimados 11 vagões na semana passada) até o centro do Rio, atingiriam 1.200 cruzeiros apenas no item de transporte. Com o trem, este gasto cai para cerca de 200 cruzeiros. Portanto, não há alternativa.

Assim, quando a máquina pifa, não tem jeito mesmo, o povo parte pro pau.

Desde junho de 1975 que as violentas depredações de trens se incorporaram à vida nacional. No quadro da miséria geral em que vivem os trabalhadores, em particular aqueles que gastam de 20% seu tempo de vida comprimidos diariamente dentro de vagões como animais e sob o perigo constante de quedas e acidentes fatais, o estopim é curto.

A causa dos atrasos e paralisações que estão no origem dos quebra-quebras não varia muito. A RFFSA não somente tem visto diminuir em cerca de 6 mil quilômetros as suas linhas nos últimos 20 anos, como as promessas de modernização dos explosivos subúrbios, feitas em 75 para se consumirem em 77, ficaram nas meras palavras de sempre. «Só em 1977 se poderá melhorar o sistema de transporte ferroviário nos subúrbios do Rio. Até lá vamos ler muitas coisas nos jornais sobre incidentes e teremos que ouvir caladinhos as reclamações dos passageiros», dizia em 75 o presidente da RFFSA. Assim, um curto circuito nas linhas é coisa trivial, ou mesmo um descarrilhamento ou uma pane de qualquer tipo.

Os usuários, pelo seu lado também mudaram, ou melhor, pioraram suas condições com o passar destes anos. Lutam para chegar na hora na estação sob pena de perder o trem, quando ele não atrasa. Lutam para conseguir um lugar. E para muitos que não conseguem atingir as portas ou janelas quando se dá o estouro com a chegada do trem, a solução é irem depredados nos estribos ou mesmo deitados sobre o teto dos vagões. Muitas vezes a solução encontrada é amontoarem-se uns 5 ou mais no mictório de algum vagão. Ainda mais, lutam para não serem roubados ao longo da viagem, pois na lata de sardinha que estão os roubos são frequentes e fáceis.

Quando depende de tudo isto o trem enguica, é a loucura geral. A maioria não está de posse senão do dinheiro para a volta e a marmitta. Tanto porque não tem mais nada como para não dar chance ao roubo. Não há portanto alternativa de tomar ônibus, que custa 6 vezes mais caro. A perda do dia de serviço, é perda no salário e, quem sabe, do próprio emprego. Enfim, não há como não explodir e quebrar tudo que encontrar pela frente. Em primeiro lugar os próprios vagões, onde estão amontoados os trabalhadores. Depois, o restante da composição. E, em seguida, as estações com tudo que tem dentro. Até que, no confronto com a polícia, a fúria da massa se dispersa entre feridos, presos e fugitivos.

Para, no dia seguinte, tudo poder voltar a ocorrer novamente...

Aqui as principais medidas anunciadas por Figueiredo no último dia 7:

AS MEDIDAS	EXPLICAÇÃO	O QUE O GOVERNO PRETENDE	EFEITOS ESPERADOS
1. Desvalorização cambial de 30%	Esse aumento do dólar em relação ao cruzeiro beneficia os exportadores, que vão receber mais cruzeiros pelos dólares obtidos de suas vendas. Em troca, vai aumentar os preços dos artigos importados.	Estimular as exportações e freiar as importações para reequilibrar a balança comercial que está deficitária.	Elevação de preços
2. Eliminação de incentivos fiscais às exportações	Os exportadores tinham isenções fiscais (IPI e ICM) que baixavam seus custos. Os países imperialistas se queixavam desse protecionismo, que consideram "concorrência desleal"	Satisfazer os países imperialistas mas também substituir esses incentivos pelo incentivo constituído pela desvalorização cambial. Eliminar o privilégio dado às exportações de manufaturados.	Aumento da receita do governo
3. Eliminação do depósito prévio para importações	Esse depósito visava desestimular importações. Agora essa função já será cumprida pela nova taxa cambial	Simplificar seus mecanismos.	Nada de especial
4. Extinção da Resolução 532 do Banco Central	Ela obrigava a retenção no Banco Central de 50% dos empréstimos obtidos no Exterior.	Estimular a obtenção de empréstimos no exterior.	Aumento da dívida externa
5. Reformulação da Resolução 432	Permitia aos especuladores depositar empréstimos externos no Banco Central, recebendo juros e a correção cambial. Agora a retirada só é possível para pagamento de dívida externa, para projetos prioritários ou para inversões produtivas.	Eliminar foco de especulação e perda de controle dos meios de pagamento. A mamata era tão grande que o governo perdeu o controle e temeu que uma retirada repentina produzisse um caos financeiro.	Maior controle sobre os especuladores
6. Redução do Imposto de Renda sobre remessa de juros	Diminui de 50%	Está na cara: atrair capitais estrangeiros para financiar o pagamento das dívidas.	Para pagar as dívidas, fazer novas dívidas. Diminui a receita do governo
7. Redução da aplicação da Lei do Similar Nacional	A lei visava impedir ou encarecer a importação de produtos que já eram fabricados no país. Mas o processo de internacionalização da economia brasileira já havia tirado toda sua importância.	"Premiar a eficiência" dos que se capacitem para concorrer com a produção estrangeira.	Não muda muito a situação existente.
8. Criação de Impostos sobre exportação de artigos primários	Para contra-balançar uma grande baixa no preço externo de produtos agrícolas propiciada pela desvalorização	Evitar que uma grande diferença entre a rentabilidade no mercado externo e a do mercado interno provoque desabastecimento.	Pequena compensação para efeitos inflacionários da desvalorização cambial
9. Redução em 20% das importações do setor estatal	Exceção para petróleo, Siderbrás e Petrobrás.	Combater o déficit governamental e, assim, a inflação.	Contenção de gastos públicos
10. Redução dos créditos subsidiados	80% dos créditos obtidos são feitos a taxas inferiores à inflação. Seus Beneficiários eram principalmente agricultores e pequenas e médias empresas.	Combater o déficit governamental e, assim, a inflação.	Elevação imediata de preços pelo aumento de custos
11. Eliminação do depósito prévio para viagens ao Exterior	Já estava decidido antes. E a desvalorização cambial produz os mesmos efeitos.	Eliminar um ponto de atrito externo e interno	Nada de especial

cultura

10

Festa em Cuba

Músicos brasileiros confirmam: dá samba na Ilha

Por Frederico de Oliveira

Cuba: um país socialista convidando uma delegação brasileira para fazer um som.

Furor na classe: Fidel Castro convidou uma delegação de cantores brasileiros para participar do Carifesta, o festival anual de música do Caribe, em 1979 realizado em Cuba. O convite veio diretamente ao Chico Buarque e a ele coube a escolha de outros cantores. A música brasileira atual é quase que essencialmente cantada, mas os cantores necessitam sempre de músicas que os acompanhem para criar o "ambiente musical". Lá fomos nós, instrumentistas, para Cuba.

A Viagem

Fomos, via Varig até Lima. Lá nos esperava um avião da Cubana de Aviación e, tendo como companheiros de viagem um grupo de bem nutridos negros (violão a tiracolo) e uma delegação de crianças que retornava de um congresso no exterior, fomos logo nos deixando envolver pelo "swing" cubano, ajudados pela cervejinha encantadora da terra servida a bordo. Em pouco tempo de viagem corria o samba nos ares, no bojo do compenetrado avião soviético, um quadrimotor Yliushin 18 sem o menor luxo nem ostentação.

Foi o tiragosto perfeito para quem ainda, no grupo, temia a sizudez do socialismo. O quebra gelo definitivo ocorreu através de uma pergunta feita por um dos músicos ao grupo de negros que nos rondava como que querendo puxar assunto, sem, contudo, saberem como abordar.

— Uds son músicos?

— No. Somos obreros.

Começava a participação brasileira no Carifesta. Os cubanos a bordo só queriam saber de dançar, de conversar conosco, de pedir para tocarmos mais violão, e assim cruzávamos o mar do Caribe, em clima de festa que, curiosamente, era muitíssimo do nosso jeito brasileiro, embora, aqui, não se toque violão em avião internacional.

Elá estava a ilha. A alegria para os cubanos cresceu, para nós foi aquele desbunde e, em pouco tempo sobrevoávamos aqueles campos inteiramente cultivados, um verde total, até descermos no Aeroporto José Martí, onde fomos introduzidos como se chegássemos em casa de gente simples trazidas por mãos de amigos. Como único protocolo alfandegário, a pergunta polida sobre se queríamos ou não o carimbo no passaporte. E imediatamente passamos aos daiquiris de "entradeira". A essa altura já se falava um espanhol fluente, e a fluência provinha de uma hospitalidade calorosa, de sentir-se em casa que, em se tratando de viagens internacionais, e estando nós no "sério" mundo socialista, é ordinariamente atípico.

Daí para frente, aquela sucessão de novidades: o Hotel Habana Libre, a grande quantidade de carros antigos funcionando pelas ruas, a ausência visível de neurose urbana, de poluição, etc, mas o clima dominante era o da abolição dos festejos distribuídos pela cidade, os desdobramentos do Carifesta. O festival, aliás, ocorreu concomitantemente ao carnaval cubano, e em termos de festejos de rua era difícil distinguir uma coisa da outra. Já no quarto do hotel, para onde fomos dirigidos com rapidez e eficiência, jantamos uma comidinha caseira, e de lá ficamos recebendo os sons longínquos dos festejos que iam noite a dentro, pela beira da baía de Havana e pelas praças da cidade.

O Teatro América

O primeiro espetáculo em Cuba foi realizado no teatro América, para onde fomos pela manhã do dia seguinte, para prepararmos o espetáculo e ensaiá-lo. O teatro é velho, parecido com o teatro das Nações em São Paulo ou com o Carlos Gomes, no Rio. Havia, de parte dos instrumentistas, grande curiosidade quanto a condições técnicas para apresentações ao vivo em Cuba, considerando que já sabíamos que o supérfluo não tem canal aberto na ilha. Acostumados a impérios como a Globo, de grande aparato tecnológico, tivemos a curiosidade mais aguçada ainda pela aparente inexistência de material eletrônico na sala de espetáculo. Mas o contato com funcionários do teatro, a quem fazíamos perguntas sobre se teríamos isso ou aquilo, se dispunhamos deste ou daquele aparelho e a pronta anuência do pessoal na solução de nossas necessi-

dades virou inteiramente o quadro. E ali começávamos a lidar com o profissional cubano da nossa mesma área. E deparamos com o profissional amparado pelo estado, sem a necessidade de competir para viver ou sobreviver, e totalmente disposto a cooperar.

Ficamos realmente impressionados com a tranquilidade com que se trabalha ali. O ritmo da montagem era construtivo: as coisas iam se sucedendo sem alarde e bem harmonizadas com o aparcimento das necessidades do grupo, caminhando para os detalhes com profundidade e apuro. O pessoal da casa, aquele tipo de gente que "mora" no teatro, ficava na periferia do trabalho solucionando pequenos problemas, perguntando sobre coisas do Brasil, e fornecendo orientação sobre detalhes do tipo "como comer" a refeição que o Hotel mandou para nós, já que tais refeições foram mandadas em caixas de papelão, sem qualquer talher. Além deles explicarem o porque de não haver talheres, se desvelavam em nos socorrer na feitura de talheres improvisados com a tampa da caixa.

— Teremos problemas econômicos todavia, campaneros".

Assim foi "montado" o primeiro espetáculo em Havana. A hora marcada, CUBANAMENTE, largaram-se as amarras. A apresentadora fez uma preleção sobre a música brasileira, ouvida com profunda atenção pela platéia que lotava a casa. Enganou-se mui simpaticamente quando anunciou:

— "Ahora, con ustedes, Chico Buarque de Itália".

Risos no palco. Ela se deu conta do engano, voltou e corrigiu:

— "No. Ahora, con ustedes, Chico Buarque de Holanda".

Gargalhada geral.

O espetáculo transcorreu sob a atenção total da platéia, que, segundo soubemos, estava ansiosa por carnaval, visto que era carnaval em Cuba, e eles manifestavam interesse pelo carnaval brasileiro, espalhado por lá que é muito animado.

Cantaram Chico Buarque, Zezé Mota, que foi recebida com perceptível calor, causando impacto pela exuberância de sua figura. Depois, Valter Franco divertiu a platéia com seu jeito bonachão e suas canções lúdicas, monocórdicas, e por seu visível pouco jeito em manusear instrumento, cabos, pedal. Pareceu um número cômico simpático, e agradou bastante. Depois, Djavan, com seu samba bem balanceado, atraente. Gonzaguinha soou como o cantor de categoria que é, causando admiração a sua forma rara de canto. Foi pena, no caso do Gonzaga, que a platéia tivesse dificuldades em entender as letra das canções como Asa Branca, Explode Coração, Galope, para que pudesse avaliar seu trabalho de composição. Depois, Paulinho Nogueira.

Ninguém poderia esperar que a música instrumental captasse a atenção das cubanas, especialmente da forma como se constatou ali. O Paulinho sentou com seu jeito simples, sua roupa naquele jeito de calça e camisa despreziosamente, cabelo e bigode, a figura do povo. E começou a desengomar um arranjo seu de Manhã de Carnaval. A platéia se deixou envolver e embalar por aquele som avançado e requintado de violão, mergulhou com ele na fantasia elaborada e ultra pessoal que já conhecemos do Paulinho, se deixou hipnotizar. Ferido o acorde final, foi aquela explosão. Parecia gol. Foi uma consagração inesperada, unívoca, unânime, uma demonstração fervorosa de entendimento e prazer. Ele nos pareceu meio atônito, mas logo deu a demonstrar que acordou para Cuba naquele momento. E prosseguiu com Zelão, em outra primorosa execução. Outro embevecimento e outra explosão.

Os instrumentistas se entreolhavam, e se perguntavam se alguma vez, no Brasil, o Paulinho fora vacinado de tal maneira. Ou, também, se a música instrumental no Brasil teria tanta aceitação algum dia. Cuba nos apresentava uma charada: um país que não dispõe de aparelhos de som Gradiente ou afins para apurar o bom gosto de aficionados por música demonstrava, exatamente ali, que tinha um público musical bastante voltado ao lado transcendental da música instrumental.



Fidel Castro

aqui no Brasil quase que totalmente esquecido — ou sufocado.

O Teatro Karl Marx

O segundo espetáculo em Cuba foi realizado no monumental Teatro Karl Marx, dotado de uma infra-estrutura tecnológica de causar assombro. Este teatro foi construído pelo ditador Batista no centro do então "bairro burguês", um bairro que era habitado pela burguesia internacional cubana, pelos intermediários da dominação americana, e que é agora um bairro não habitacional, transformadas aquelas residências em escolas, centros de pesquisas, aperfeiçoamento técnico, cultural, profissional, sedes de embaixadas, etc. A revolução "ganhou" esse presente do regime de Batista, um teatro novinho em folha, dotado de cinco mil lugares com sistema de ar condicionado e tudo o que se pode esperar de conforto e avanço técnico em uma construção para o fim que se destina.

Se o impacto de conhecer aquele teatro foi visível em toda a delegação, imagine-se o que foi feito de nossas cabeças quando deparamos com a miscelânea humana que constituía o Grande Show do Carifesta nesse dia. As delegações participantes, com trajes regionais ou não, nos trouxeram de vez para a intimidade e profundidade de objetivos do evento. Houve muita emoção e perplexidade, precisamente a partir do desmantelamento, da liquidação do condicionamento ao qual sempre fomos expostos, através do qual a arte nos países socialistas se reduzia a um conceito de avidez, de asfixia, a ponto de ser dito que a música em Cuba se reduzia a um monte de hinos militares ufanísticos. O que vimos ali foi o oposto.

A começar pela incidência preponderante de grupos numerosos, orquestras de Cuba, de Trinidad, do México, uma delas, a de Trinidad, composta de mais de cem figurantes, todos tocando em tambores de óleo. Para os instrumentistas brasileiros, atentos a esse tipo de fato, foi a grande novidade.

A delegação brasileira foi recebida com a simpatia esperada, similar ao teatro América, com maior massa de aplauso, considerando que tínhamos diante de nós um público de cinco mil pessoas. Imprescindível ressaltar que a apresentação do Paulinho Nogueira ao violão reeditou a aceitação da noite do Teatro América, e veio hipertrofiada num clamor contundente. Além do repertório já executado antes, ele acrescentou uma execução pessoal de Malagueña, vejam só. Pode-se classificar de gloriosa a apresentação do Paulinho, tal o furor com que a platéia aplaudiu o seu trabalho.

Saimos do Teatro felizes pelo Paulinho mas, também, tomados pela sensação de que algo vai muito mal com a música instrumental brasileira em seu habitat, sensação reforçada pelo fato de que em Cuba (e nos países participantes do Carifesta) exceto Brasil e Peru, não se estabelecem categorias hegemônicas dentro da arte musical: quem canta ou quem toca é artista do mesmo jeito. O que, no Brasil, é diferente. Qualquer cantor, bom ou não, tem um processo hegemônico a seu favor, enquanto a música instrumental é SUFOCADA pelas multinacionais de disco, a ponto de se classificar o instrumentista, mesmo o de grande valor pelo termo "profissional", no sentido pejorativo, o que já o discrimina a priori perante o Olimpo dos Cantores, esses sim, artistas.

O Carnaval

A delegação brasileira foi, ainda, convidada para mais uma apresentação exclusiva, que ocorreu sem grandes variações frente às anteriores, e assim nos despedimos dos palcos cubanos, para então passar a curtir a cidade de Havana, participar dos eventos carnavalescos e turísticos em geral, bem como travar um contato mais direto com o povo e com o cotidiano da cidade. Vimos o Carnaval Cubano, civilizado, sem cartolagem, mas sucumbimos perante a falta de verdadeiro samba, que faz falta em qualquer carnaval do planeta. Ah, se Fidel convidava uma delegação da Mangueira ou Portela ou qualquer outra, uma ala que seja, para abrilhantar o desfile de 24 de julho, ia ser um mafuá! Quando os negros brasileiros soltassem aquele ritmo e aquela exuberância de dança no asfalto cubano, o país ia ferver, podem crer.

Como finalização de saldo cultural de nossa participação na Carifesta é de lei anotar que, considerando o específico de nossa atividade, musical, tivemos alguma aproximação com os instrumentistas que tocam na noite cubana em boates e casas noturnas do estado. Deles ficamos sabendo o que se toca por lá.

Ficamos sabendo que toca-se o que se quer, que há espaço total para aperfeiçoamento em qualquer gênero de música; que o músico instrumentista em Cuba recebe todas as garantias do Estado para executar o que bem entender, que o governo fornece estudo, aperfeiçoamento e GRADUAÇÃO para quem quer progredir e, não bastando isso, procura incentivar a música no sentido de que ele se desenvolva mais e mais, tudo ao contrário do que ocorre aqui. Além disso, ninguém em Cuba ganha dinheiro com música senão o próprio músico.

Jackson Pollock: uma explosão do Visível

O outono parisiense revive a obra de Jackson Pollock, um dos paradigmas do expressionismo abstrato americano dos anos 40. Pollock fez da pintura uma "arena onde atuar". Em suas palavras "Pintar é uma maneira de ser". E mesmo sua morte em um acidente automobilístico, aos 44 anos foi interpretada como um último ato existencial.

Em toda rosácea - dizia Artaud - há um homem acorrentado. Porque o esférico é a forma do perfeito e do acabado, as pétalas da rosácea efeitos de uma linha que não vacila, que cobre o papel de pontos simétricos, consecutivos, ao ponto de se fecharem sobre si mesmos. Dessa monstruosidade conceitual, dessa figura em que o começo e o fim estão literalmente representados, dá conta uma imagem sem nenhuma literalidade possível: a esfera é como uma cobra que se devora pela cauda.

O que vislumbra Artaud, o que o intrigava até a loucura (o que também não é metafórico) era a sua (a nossa) incapacidade de seguir traçados harmônicos. Daí sua remota vinculação ao surrealismo. Mas do surrealismo florescente, Artaud só queria a insurgência contra o clássico. O "clássico" como domínio, justamente, da rosácea, da simetria, do sentido se fechando sobre si mesmo, como uma obra autodevorante. Boileau, tristemente notório por ter preparado a literatura francesa para o classicismo (sem o que não teria existido Artaud), tinha o hábito de dizer: tudo deve tender ao bom senso. O bom "senso", o bom "sentido", é aquele sem acidentes da esfera. Mas então vieram os surrealistas e disseram: abaixo o sentido. No império do "non-sense" que se criou naquela hora, salvou-se Artaud, o único a pressintir que essa grita em bloco contra o sentido consistia já em confirmá-lo por linhas transversas. Ao ilogismo empolado dos surrealistas, Artaud não hesitou: opôs o berro. Em outras palavras, o teatro da crueldade. Salvo engano, esse berro ficou parado no ar. Só um escritor francês posterior a Artaud urrou tão forte, mas sem chances de ser ouvido, por ter estado enredado nos descaminhos da Segunda Guerra Mundial: Céline. Céline escreveu numa hora em que a França, mal recuperada do vírus anti-semita que deu no caso Dreyfus, apresentava uma recaída e se convertia num dos maiores focos europeus de fobia do judaísmo. Quem ignora, hoje em dia, a verdadeira extensão das práticas anti-semitas de Vichy?

Com Céline, temos um caso espetacular de paradoxo, de desvio do sentido. Céline, que é um dos maiores escritores franceses deste século, autor de um trabalho de escrita em consonância com tudo o que se fez desde a virada de século. Céline que é uma descoberta relativamente recente e talvez a mais preciosa da nova crítica francesa, pois muito bem: Céline era um anti-semita. O fato, não resta dúvida, vem complicar ainda mais o traçado da rosácea humana. Porque quer se queira ou não, o autor de *Voyage au Bout de la Nuit* pensava como um fascista (seja), mas escrevia como um artista. Já Neruda, pensava como um comunista mas escrevia sem arte. Não somos nós a dizê-lo, mas Jorge Luiz Borges, um dos mais importantes autores contemporâneos e um dos traçados mais estranhamente sinuosos de toda a escrita moderna.

Artaud, Borges, Céline, Neruda: não se veja nessa entrada meras citações eruditas. É que a compreensão de artistas como o americano Jackson Pollock, considerado o grande pintor abstrato da escola notabilizada sob o nome de *Action Painting* (é um discípulo de Kandinsky e Picasso, talvez mais forte que seus próprios mestres, passa necessariamente, como no caso de todo artista genial, por uma história da "arte": isto é, das maneiras de se representar. Essa discussão imprecisa em torno do modo de representar, que é propriamente a "arte", que os artistas-antenas conseguem manter sempre em dia, descartando a fórmula feita, adiando indefinidamente a colocação do ponto que fecharia o traçado da rosácea, eis o que Pollock relança hoje, mais de 20 anos depois de sua morte, no Festival de Outono de Paris.

Pollock, cujos trabalhos mais significativos foram mostrados ao público francês durante os meses de outubro e novembro passados pelo Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, no âmbito do Festival de Outono de 1979, parte remotamente da tradição francesa e das

abstrações de Kandinsky, para levar até o clímax o tema da desintegração da figura. Suas telas se tecem não de linhas ou pontos, mas de dejetos. Seu repertório de signos não são traços, prolongamentos medidos do instrumento que aborda a tela, mas excrescências, derrames do pincel. Em última instância: delírio total da mão que trabalha. Com Kandinsky, todo o universo figurativista se havia tumultuado. Mas restava intacto o princípio mesmo do trabalho pictórico: a relação entre o instrumento e o branco da tela, entre a mão que manipula o pincel e a superfície em que ela inscreve o seu traçado, a primeira controlando e determinando o segundo. Classicamente, o toque do pintor era o fim de um movimento (lógico) e não o seu início. Pollock realiza uma revolução copernicana inclusive desse gesto. As superfícies (geralmente gigantes) sobre que trabalha estão no chão; o pintor passeia em torno delas, contorna-lhes as margens, o pincel na mão, milhares de baldes de tinta nas proximidades. E borri-falhes o branco, envia-lhes cores, pingos, arremessos. A tinta escorre: trabalha por si. Pintar é aqui o começo e não o fim de uma operação; espetáculo de desregramento que o pintor se oferece a si mesmo e a nós. Por vezes, ele apõe o pincel à tela, recuperando a postura clássica. Mas com resultados completamente diferentes. No caso, é o pincel que é o captado pela tela, ao invés de captá-la e de reduzi-la ao seu comando. Porque o que se vê num quadro de Pollock são apenas as marcas informes, aberrantes, tumultuadas, de sua simples passagem.

Aliás, pode-se ver Pollock trabalhando. Ele foi minuciosamente documentado pelo fotógrafo Hans Namuth em sua casa de Long Island, em 1950, seis anos antes de sua morte, quando estava no auge de sua carreira. Impressionado com os quadros de Pollock, Namuth quis observar a emergência dos efeitos ultra-modernos que ali se vêem. Sensível à essência da "modernidade", percebeu que estes implicavam, num só movimento, o resultado do trabalho e o método. Alguma coisa como a claquette num filme de Godard ou as estruturas gramaticais vazias no *Lance de Dados* de Mallarmé. Através de uma placa de vidro, sobre a qual Pollock foi convidado a trabalhar, Namuth fotografou (e filmou) assim uma performance. Estas fotos trazidas agora à França, e fizeram parte (ativa) da exposição. Insistindo na implicação entre composição e sentido, entre forma e fundo, o que já é tematizado em cada quadro de Pollock, as fotos, de alguma maneira, amparam o olhar e o previnem sobre a aventura que tem lugar na tela, mas também, já, no próprio ateliê. Porque a direção (ganhar a possibilidade de outras direções). Estranhas essas linhas lineares, que tomam às vezes a forma de um ideograma chinês, que carentes de destino e de precisão só fazem sublinhar a liberdade de sua própria contingência. O olhar é decentrado, desfocado, como que descarnado. A verdade não está mais no centro, nem no foco, nem no homem. A verdade simplesmente não existe. São borrões, rabiscos, resvalos, compondo com a minúcia de um tapete persa (Pollock tem decididamente matizes orientais, o que se entende, pois os orientais são os abstratos da primeira hora) um tesitura de desordem. Mas um exegeta poderá encontrar o fio da meada de uma tapeçaria: em Pollock não há começo nem fim. Trata-se de um não-sistema sistemático, da falta de precisão e de destino como projeto da linha. Nosso olhar, domesticado pela racionalidade, não encontra mais posição. Esse desconforto, no entanto, é para os "modernos", pintores ou literatos, uma condição não de verdade mas de castidade. Na ótica estrita do traçado das rosáceas, poder-se-ia dizer que não é "arte". Com um pouco de chance - já se afirmou - obteríamos o mesmo da cauda (banhada de tinta) de um... cavalo. Sim, mas com esta diferença que o cavalo não saberia o que desrealiza, logo o que recupera por detrás. Nem chegaria a cortar a orelha por isso. Van Gogh era irmão de Artaud.

(Leão Tenório, de Paris)



Pollock em cena

A Árvore dos Tamancos

Mais do que o relato, o que se busca é o encantamento. Em *A árvore dos tamancos*, de Ermano Olmi, as imagens não servem apenas de paisagem a um discurso outro. — aquele que, muitas vezes, já encontramos construído no próprio roteiro. E, já que falamos por si, como contá-las sem a presença das próprias imagens?

Para filmá-las, o diretor fez recuar em cerca de um século as cenas do cotidiano de um *paese* bergamasco. Algo como o exercício de uma imaginação produziu, suas possibilidades de expressão. Durante o curto espaço de tempo de inverno e início de primavera, a câmara se comporta como um periscópio a captar fragmentos do cotidiano de camponeses reduzidos ao regime da *terça*, em uma fazenda do noroeste da Itália.

Três estórias se entrecruzam ao longo da narrativa: a de um velho camponês que, logo após a primavera nevada, aduba suas sementes com um estercor mais forte (com isso seria o primeiro a colher tomates na primavera); o segundo abate um dos muitos carvalhos do

patrão, aquele que se transformaria no tamanco do filho (afinal, o guri estudava, coisa muito rara naqueles tempos, e a necessidade do tamanco era maior que o tabu da propriedade que pesava sobre as árvores); temos ainda o casalzinho muito cândido em viagem de núpcias a Milão, onde são apresentados (junto conosco) às manifestações proletárias e à violência policial, logo ao sair da estação (no final se hospedam em um convento, sob as asas de uma bondosa freira, tia da mocinha).

Mas estes fragmentos não nos são ditos, e sim vistos. Os diálogos em bergamasco não chegam a falar pelas imagens, a montagem não tenta nos impor, imperceptivelmente, uma racionalidade da história do *paese*, naquele inverno. Talvez nem mesmo uma estória esteja sendo contada.

E, no entanto, toda uma família se vê expulsa da fazenda, em função da árvore dos tamancos abatida. Ninguém sabe para onde foram, só que a situação, por ali, em todos os lugares, é a mesma. (Luiz Carlos Rezende)

VIOLÊNCIA Cidadãos! Às armas!

Continuando a série de matérias que EM TEMPO vem levando sobre a violência, a Rede Globo de Televisão nos envia um presente antecipado de Natal. Nada surpreendente vindo de quem vem, mas assim mesmo aterrorizador o curto ensaio fascizante do Fantástico deste último domingo, 9 de dezembro.

Resta-nos uma pequena dúvida: é mais violenta a sociedade brasileira ou a tentativa de propagação de uma ideologia que aponta como a causa da insegurança que nos assalta, um processo patológico que cria e reproduz a marginalidade?

Durante aproximadamente 15 minutos algumas dezenas de presos comuns desfiliavam diante das câmaras "confessando" seus crimes (na maioria assaltos a mão armada que terminam em mortes) e respondendo à questão chave do Programa: "Se houvesse a pena de morte você teria cometido este crime?" Depois de conseguir arrancar 90% de respostas negativas, o que valoriza cada vez mais a sua tese, o repórter passa a palavra ao atual secretário paulista de Segurança Pública, Luis Gonzaga Jr. que, mais discreto que o seu antecessor mas tão feroz quanto, aconselha à pacífica e conformada classe média brasileira a compra e o porte cotidiano de armas.

Resumindo, O Show da Vida propõe a instituição da pena de morte aos crimes comuns no Brasil e enquanto o poder judiciário não tem condições de exercer sua autoridade neste sentido o nosso secretário de segurança propõe uma solução doméstica e provisória: Aux armes citoyens!

O sistema escapa assim, ileso, de qualquer acusação que lhe atribua os descontentes e "inimigos do bem estar social". Ora, atribuir a uma política econômica concentracionista, inflacionária, as causas que levam à insatisfação social, ao desespero é complicar demais as coisas, diria a fantástica e visionária Globo. Que distribuição de renda que nada, pau nestes vagabundos, bota pena de morte em cima deles que sai todo mundo trabalhando de terninho, bonitinho para a grandeza a Pátria, deve estar pensando este nosso aparelho ideológico caseiro e tentando convencer na marra, a classe média apavorada.

Contraditória em seu conjunto, a ideologia jornalística da Globo que já teve momentos brilhantes em *crájosos* Globos Repórter (em que inclusive o problema da criminalidade já foi tratado de forma bastante inteligente), cai num jornalismo menor, pseudo-moralizante, perigoso. Instigando e convidando seus ouvintes a localizarem a violência abaixo deles, nunca no mesmo nível e evidentemente, nunca acima, o inimigo aparece simples e claro e a solução emerge cristalina. A violência não está em você cidadão comum e pacífico, está nos outros; você está cada vez mais pobre mas a pior miséria é a miséria moral, que chega chegando cada vez mais perto e você precisa reagir violentamente.

O fascismo mobiliza as classes médias com um discurso semelhante, resta saber como e o que o Show da Vida faz com o povo em arm.

(Miriam Godwin)



Centenário do nascimento de Trotsky

O Internacionalismo e

A concepção do internacionalismo como a mera solidariedade entre os trabalhadores de todo o mundo já era criticada por Marx e Engels desde os primórdios do movimento operário. Para eles, o internacionalismo só poderia se tornar real encarnado materialmente num partido mundial da revolução tendo como objetivo, coordenar a ação conjunta do proletariado de todos os países

Mário Pedrosa *

«Em toda parte, até nas prisões, éramos um punhado execrado porque o stalinismo pôde canalizar as energias mais importantes que existiam no mundo para destruir também o movimento trotskista.»

Como você avalia hoje a fundação e o desenvolvimento da IVª Internacional?

A 1ª e a 2ª Internacionais morreram de morte natural. A 3ª foi morta propositalmente. De modo que a 4ª herdou a tarefa de ser a continuadora do Internacionalismo. A minha tendência é para considerar que a IVª Internacional não respondeu aos objetivos para os quais ela foi criada. Em geral, todas as internacionais anteriores foram fundadas em momentos de ascensão do movimento revolucionário. Quanto a nossa, ela nasceu com a derrota da revolução espanhola: uma época em que o stalinismo e o fascismo estavam no auge. De maneira que, o que herdamos foi uma depressão monstruosa. Além disso, politicamente, não havia a menor condição para a criação de uma nova internacional.

Tanto que, apenas o movimento trotskista declarado assumiu a tarefa. Todos os outros movimentos não stalinistas ficaram de fora. Assim, ficamos isolados no mundo inteiro. Essa foi nossa maior dificuldade: em toda parte, até nas prisões, éramos um punhado execrado porque o stalinismo pôde canalizar as energias mais importantes que existiam no mundo para destruir também o movimento trotskista. O movimento era assim apenas um movimento de resistência, sem nenhuma vitória. Por exemplo, nos dias imediatamente anteriores à abertura do Congresso de fundação da IVª houve o episódio da prisão e assassinato de Clemente, o secretário da organização. Ele desapareceu misteriosamente deixando uma carta (naturalmente falsa) onde dizia ter sido trotskista até que entendera a traição que o trotskismo representava e assim se desligava. Eu trabalhava com ele, nessa época, na França. Era um rapaz sério, modesto e trabalhador.

Leon Sedov, filho de Trotsky, foi morto antes ou depois da fundação da IVª?

Antes. Ele foi morto no dia em que cheguei à França. No dia seguinte fui ao enterro dele. Ele havia tido uma crise de apendicite e no hospital foi envenenado. Confesso que tive medo. Eu estava com vários documentos da IVª no meu hotelzinho vagabundo. Não havia direito organização na França e nós todos estávamos a mercê da polícia e dos stalinistas. Havia por exemplo, um estudante lituano na casa do qual Clemente e eu costumávamos trabalhar. Esse rapaz era da polícia de Stalin e havia se infiltrado entre os trotskistas. Um belo dia, desapareceu. Mas de qualquer modo, ele me conhecia.

Você foi a favor da fundação da IVª naquele momento?

Essa foi a discussão que fizemos com os americanos que vieram à França. O argumento que mais pesou no sentido de fundar a Internacional foi o de que o objetivo da polícia e dos stalinistas era exatamente o de que a IV não fosse fundada. A idéia que predominou então foi a de fundá-la com data marcada. Além disso, em função da desorganização do movimento da Europa, decidiu-se transferir o congresso de fundação para os Estados Unidos, para Nova York, como aconteceu com a Iª Internacional. Eu fui para lá como secretário da organização.

Você teve contato pessoal com Trotsky?

Não. Quando finalmente consegui condições para ir vê-lo, ele foi assassinado.

E correspondência, você chegou a trocar correspondência com ele?

Quando fui para Nova York como secretário da Internacional, eu e o Johnson que era um trinidadense, assumimos uma posição independente da posição da maioria na época. E fomos demitidos pelo Trotsky. Escrevi então uma carta para os trotskistas mexicanos e o Trotsky respondeu.

Voce tem essa carta?

Não, ela ficou na Europa. Como que eu ia entrar aqui como uma carta de Trotsky na mão?

Em sua opinião em que bases políticas pode ser realocada a questão do internacionalismo hoje?

Esta é uma questão importante e não resolvida. Eu sou muito cético quanto a isto por causa da experiência dos últimos 50 anos. O único avanço que eu acho que aconteceu foi o eurocomunismo, mas que é ainda muito disforme. Acho importante porque é um movimento de caráter socialista que o capitalismo não absorveu. Mas sou cético porque, por outro lado a internacional da contra-revolução que as multinacionais representam tem se desenvolvido muito. É um processo de transformação de ampliação do capitalismo na base do imperialismo americano que é hoje uma economia aberta. O seu desenvolvimento no meu modo de ver, não vai levar a nenhum movimento socialista e sim a uma tentativa de prolongar o capitalismo de forma cada vez mais complicada. De qualquer modo eu penso que o eurocomunismo é a única força hoje capaz de se opor ao capitalismo. Não creio que a IVª Internacional possa substituir esse grupo. Mas ele tem se desenvolvido na Europa e assim fico pessimista porque não acredito muito nos países europeus.

Por quê?

Por que os conheço demais. Mas de qualquer modo não posso deixar de reconhecer a importância que alguns partidos eurocomunistas tem, como o PCI, por exemplo.

E o Partido Comunista Espanhol?

O caso da Espanha é meio à parte porque o PC espanhol sempre foi muito menor do que os outros, com muito menos peso. Mas o PCI, podemos dizer que ele praticamente domina a Itália. Na minha opinião ele só não domina toda a Itália porque não tem ainda uma ligação maior com a Igreja. E eu acho que a Igreja pode desempenhar um papel importantíssimo como o que ela vem desempenhando no Brasil. Isto indica a necessidade que temos de remodelar uma série de ideologias que vem de nossos caras Lenin e Trotsky...

Voce fala isso no que se refere a concepção de Partido?

Também. Trotsky teve uma idéia genial que é a idéia da Revolução Permanente do controle operário, etc. Mas há muito pouca diferença entre o trotskismo e o leninismo. O Lenin era mais consciente. Ele entendia mais a importância do partido. Foi ele que fez o partido. Mas acho que o partido foi deformado quando ele fez o Partido Comunista Russo, porque aí não era mais um partido para fazer a Revolução e sim uma tropa de choque para

fazer a Revolução. E depois da Revolução se quis espalhar o partido leninista para o resto da Europa. Antes o Partido Operário Social Democrata era o modelo dos partidos europeus. Depois, quando ele se tornou vitorioso na Revolução Russa, impôs as teses do partido a todo o movimento operário europeu e em condições mecânicas. E foi o prestígio de Lênin que permitiu isso. Daí para a frente foi um passo para a burocratização e para a deformação. É por isso que o leninismo hoje não tem vez na Europa.

Mas então, como é que a gente explicaria essa enorme capacidade de revivência do trotskismo que está se dando hoje?

Para mim, o que ficou do Trotsky foi a teoria, a tese da Revolução Permanente. Ela resistiu ao tempo e a crise do socialismo porque é uma perspectiva que não se esgotou. E a série de revoluções pós segunda guerra, que era prevista pelo movimento trotskista de fato ocorreu embora nenhuma delas tenha tido caráter trotskista. Primeiro foram as transformações no leste europeu com as perspectivas não revolucionárias do movimento stalinista. Depois a revolução Chinesa que se a princípio ainda trazia alguma coisa das velhas teses internacionais, depois o caráter profundamente nacionalista dos chineses absorveu tudo. Isso era mais ou menos inevitável num país como a China, com uma cultura e uma tradição velhíssimas, com uma unidade da nação muito profunda e daí nada saía dali que não tivesse o cunho profundamente deformado do nacionalismo.

E assim todas as revoluções, após a Revolução Chinesa, foram de caráter exclusivamente nacional, inclusive a Revolução Cubana que nos interessou tão profundamente. E a vitória da Revolução Cubana foi um verdadeiro milagre revolucionário. Foi vitoriosa sem seguir nenhuma tática pré-estabelecida, sem nenhuma tática fabulosa do nosso Trotsky. Ela seduziu a todos, aos mais jovens e inclusive a mim. E apesar de ter sofrido as maiores humilhações do imperialismo, de ter sido praticamente jogada nos braços da União Soviética conseguiu manter alguma independência e inclusive hoje esta desempenhando um papel internacional progressista na Ásia e na África. E Fidel Castro, de todos os chefes revolucionários, foi o único que conseguiu manter o contato com o povo intacto. Todos os que estiveram em Cuba garantiram isso e isso é uma coisa importante porque representa um processo revolucionário de caráter nacional que não perdeu suas perspectivas, e sobreviveu sem teorias.

Mas, voltando à pergunta, você não concorda que há uma revivência do trotskismo?

Sim. Trotsky foi escorraçado, pisado, renegado como traidor da classe operária e até assassinado. Mas sua força se perdeu e hoje ele pertence a uma galeria de revolucionários vencidos. A gente hoje olha para ele como um herói da Comuna de Paris. Ele simboliza um ideal, a pureza revolucionária que se perdeu. É por isso que ele hoje desperta tanto interesse. Mas vejam bem: não é só a revivência do trotskismo que existe. O terrorismo também está revivendo. É o que ele significa? É o sentimento



Trotsky, no poder soviético.

to de fracasso de toda a ideologia revolucionária, de todos os ídolos passados. Os terroristas voltam a esse voluntarismo paranóico para que pela vontade, pela coragem, pelo heroísmo seja restaurada a pureza revolucionária do passado que nunca se recuperou. Os terroristas hoje respondem, como os anarquistas responderam no passado, ao oportunismo dos dirigentes dos PCs e dos PSs. Só que ele é condenado historicamente porque é reacionário.

(*) Mario Pedrosa é um dos fundadores da Oposição Internacional de Esquerda no Brasil e estava na Europa na ocasião do debate sobre a fundação da IVª Internacional. Esse depoimento é parte de uma longa entrevista que ele concedeu a Otávio De Fiori, Aluisio Monteiro Jr. e Fábio Munhoz para o EM TEMPO.

Eder Sader

«Seguramente a IVª Internacional não terá sucesso na construção de um Partido Mundial da Revolução Socialista. E se tivesse tido ela teria criado um monstro insano.»

Acompanheira Virgínia terminou seu artigo sobre a IV Internacional no número passado do EM TEMPO, dizendo que ela «se confronta novamente com o desafio que é sua razão de ser: construir uma Internacional revolucionária de massas, o Partido Mundial da Revolução Socialista. Esta tentativa já foi realizada por revolucionários com Marx, Engels, Lenin e Trotsky e nenhum deles conseguiu um logro decisivo. A IV Internacional, que reivindica a herança desta tradição, espera ter sucesso. Pois eu penso que não precisaria nenhuma perspicácia fora do comum para afirmar: 1 — que seguramente a IV Internacional «não terá sucesso» na «construção de um Partido Mundial da Revolução Socialista». 2 — que se tivesse sucesso ela teria criado um monstro insano. Me explique.

Em primeiro lugar é perder o senso das proporções colocar no mesmo nível os impasses das 3 primeiras Inter-

nacionais e os da IV. As 3 primeiras foram expressão das principais lideranças do movimento operário em seu momento e a IV não. A Iª Internacional realizou a primeira forma de solidariedade internacional dos trabalhadores baseada sobretudo nos sindicatos ingleses e franceses. Suas debilidades são as debilidades do movimento operário nesse período — o alemão, o austríaco, o francês, o belga, inglês, italiano e vários outros. Sua «bancarrota», ao aproximar-se a Iª guerra mundial expressa na colaboração de classes e na defesa de «cada pátria», um contra o outro, vai produzir: a) o isolamento da revolução russa; b) o surgimento de uma ala revolucionária que está na origem da IIIª Internacional. Esta surge com fortes partidos nacionais e o prestígio da primeira revolução proletária vitoriosa no globo. Aqui ainda não

entra nenhum juro de valor mas somente a constatação de que a IV Internacional em nenhum momento de sua longa história representou direções revolucionárias de massa.

Na verdade, se tomamos a própria argumentação de Pierre Frank, um dos fundadores da IVª publicada em nosso número 92, vemos que ele se limita a valorizar o trabalho de Trotsky (evidentemente um dos grandes revolucionários de nossa época) mas constata — sem dizê-lo explicitamente — o fracasso da IVª em relação aos seus objetivos. Mas, para justificar o acerto da tentativa de Trotsky, diz que este pensava que um novo avanço revolucionário — após a degenerescência stalinista — era impossível com organizações meramente nacionais e que, de outro lado, esses avanços permitiriam que a IVª se transformasse numa poderosa organização de massas. Sabemos que isso jamais se realizou. E, o que é impor-

ta, a humanidade viveu nestes 40 anos vários processos revolucionários. São avanços carregados de contradições, novos problemas e às vezes brutais retrocessos — a revolução chinesa, iugoslava, a resistência italiana, francesa e grega, a revolução cubana, e vietnamita, a libertação argelina, angolana, o processo da UP chilena, etc. etc. — mas que fazem parte em sua totalidade do acervo histórico do movimento operário. E tudo isso se passou, no essencial, ao largo da IVª Internacional.

Assim, não deixa de constituir um absurdo a narrativa que faz Virgínia da «travessia do deserto» da IVª. Falando de uma organização surgida para coordenar a ação revolucionária do proletariado internacional, conta a história de suas cisões e reunificações ao lado de algumas campanhas desenvolvidas pela revolução argelina, cubana, pela libertação vietnamita, pelos dissidentes poloneses, etc. Muito bem. Mas como diz Gramsci, a histo-

ria de um partido é inseparável da história das lutas de classe onde está inserido.

O verdadeiro significado da IVª — ou seja, o seu significado na história da humanidade destes últimos 40 anos — só se torna inteligível se verificarmos o seu papel nas grandes lutas travadas pelo proletariado nesse período. E somos obrigados a reconhecer que ele desempenhou um papel marginal. Muitas vezes louvável, mas marginal. O artigo se refere à existência atual de seções ou organizações em «aproximadamente 50 países». Dito isso assim, pode até dar a impressão de que esta se aproximando do objetivo de tornar-se «o Partido Mundial da Revolução Socialista». Mas na verdade, era que todos esses países o que existem são pequenos grupos sem expressão de massa e em nenhum existe alguma sólida organização enraizada na classe operária e no povo.

a Internacional hoje

Entretanto, a partir da experiência histórica das Internacionais e, especialmente, da trágica degenerescência burocrática da Internacional Comunista e sua posterior dissolução com base na teoria e prática stalinistas do socialismo num só país, a necessidade do partido mundial passou a ser cada vez mais questionada. A IVª Internacional, como a única existente hoje, está no centro desta polêmica.

Pierre Frank *

«Se nós, enquanto IVª Internacional, não tivéssemos travado uma batalha cotidiana durante esses duros anos, talvez nem se falasse mais em internacionalismo e Internacional hoje.»

Na época da fundação da IVª Internacional muitos consideravam que essa decisão era prematura. Por que os que a fundaram consideravam que era necessário fazê-lo naquele momento?

A criação da IVª Internacional ainda hoje é contestada mesmo entre pessoas que reconhecem o lugar eminente que Trotski ocupa na história do movimento operário. Ele queria criar a IV desde 1936 mas na época ele não contava com a maioria do movimento trotskista. E mesmo em 1938, havia a objeção da fraqueza do movimento, suas débeis ligações com a classe operária, o período de refluxo no qual ela se encontrava. É verdade que as internacionais precedentes foram criadas em período de ascenso do movimento operário; mas é preciso que se lembre que em 1914, num momento de desmoronamento dos partidos socialistas, quando ninguém podia prever a vitória de Outubro de 1917, Lenin era favorável à criação da IIIª Internacional. O argumento de que uma decisão de tal importância é prematura, que ela não é sustentada por organizações de massa etc é um argumento que surgiu inevitavelmente em todas as vezes que a questão se apresentou. No Congresso de fundação da IC, em 1919, essa discussão ocupou grande parte do tempo. Mas fica claro que uma decisão dessa importância não pode depender dos números, mas de necessidades históricas. Em 1938 a IIIª Internacional estava praticamente morta, para não falarmos da IIª. Uma segunda guerra mundial se aproximava. Se a IVª não tivesse sido criada, é provável, sobretudo depois que Trotski foi assassinado, que as forças centrífugas desencadeadas pela guerra teriam provocado crises infinitamente mais graves do que aquelas que conhecemos. Na ausência da convicção de que era necessário engajar a IVª na ação requerida pela guerra para aí defender sua bandeira e seu programa, elas teriam provavelmente provocado uma dispersão e uma desorientação das forças marxistas que por então restavam. Porque o programa marxista revolucionário não pode ser um conjunto de textos, ele deve se incarnar numa organização internacional que lhe dê vida, que o enriqueça com o desenrolar dos acontecimentos, que seja confrontada na ação.

Retrospectivamente, podemos ver que, no enorme refluxo que engendrou a falência da IC em 1933, o golpe mais duro que o marxismo revolucionário recebeu foi dado justamente sobre essa questão essencial do internacionalismo e da existência de uma Internacional revolucionária. E é aí precisamente que nos chocamos com as maiores incompreensões, inclusive nas jovens gerações de hoje. Se nós não tivéssemos travado uma batalha cotidiana enquanto IVª Internacional durante esses duros anos, o atraso seria ainda maior e talvez nem se falasse mais em internacionalismo e internacional hoje.

Em seus numerosos anos de existência a IVª nunca conheceu um grande desenvolvimento e foi até mesmo enfraquecida por muitas lutas fracionais. Que razões explicam esse estado de coisas?

Na origem, nós pensávamos, que apesar das enormes dificuldades, nosso desenvolvimento seria mais rápido, que logo após a guerra nos tornaríamos uma Internacional de massa. E é também verdade que nós tivemos um número importante de lutas

internas que levaram frequentemente a cisões que nos enfraqueceram. Mas eu gostaria de fazer uma retificação: no imediato pós-guerra nós progredimos durante um certo tempo em vários países, em consonância com o ascenso revolucionário da época. Por exemplo, na França, enquanto que nas vésperas da guerra o movimento trotskista estava dividido e largamente decomposto, no término da guerra ele se reunificou agrupando aproximadamente 700 membros, embora quase todos os velhos quadros tivessem desaparecido e a repressão tivesse atingido duramente os jovens. Por outro lado, desde esta época, foram constituídas novas seções ainda que numericamente fracas. Portanto, não houve apenas estagnação. Mas, pouco depois teve lugar um período de recuo e de longa estagnação devido fundamentalmente às condições objetivas. O papel desempenhado pela URSS na luta contra o nazismo e pelos partidos comunistas na Resistência, a "guerra fria" provocou uma polarização que bloqueou nossa ação junto às gerações que desconheciam o passado. Entretanto, apesar dessas dificuldades, o clima no qual nós atuávamos era diferente daquele do imediato pré-guerra. Durante os anos dos "processos de Moscou" milhões de trabalhadores realmente acreditaram no "hitler-trotskismo". Pouco depois da guerra, com a crise crescente do stalinismo, os stalinistas já começaram a se colocar na defensiva. Desde então, nossas seções, mesmo se não alcançaram progressos numéricos importantes, conseguiram se fazer ouvir em meios mais abrangentes do que no passado, preparando assim o terreno mais favorável de hoje.

Quanto a nossas lutas internas, elas eram um elemento inevitável do pós-guerra. O mundo assumiu, em apenas poucos anos, aspectos totalmente inesperados. Os regimes burocráticos alcançavam um longevidade maior do que prevista. A maior parte dos países coloniais conquistavam uma independência política formal. As metrópoles imperialistas, longe de se afundarem, iniciaram um período de prosperidade até então jamais vista.

Diante das diversas teorias que se basearam em tais acontecimentos para desacreditar o marxismo, não bastava repetir de modo dogmático as verdades elementares do marxismo. Era preciso, a partir deste, explicar esses novos fenômenos; era preciso, em uma palavra, renovar o marxismo a partir da nova situação mundial. Não se podia consegui-lo senão através de discussões aprofundadas. Mas nossas discussões nunca se limitam às análises: elas visam também definir perspectivas e uma política. E quando se é uma organização pequena uma cisão determinada por divergências políticas parece ser de importância menor pois aparentemente ser 50, 100, 150 ou 200 membros não faz grande diferença. Há portanto uma tendência a subestimar o problema da organização o que certamente não acontece com as grandes organizações. Tanto que, com o nosso desenvolvimento o número das cisões diminuíram bastante e durante 15 anos não houve mesmo nenhuma cisão em escala mundial.

Que balanço a IVª Internacional faz hoje de si mesma? Vocês pensam que os seus esforços se justificaram?

Eu penso que, no plano teórico e político, nosso balanço é eminentemente positivo e que, no plano organizativo ele é satisfatório tendo em vista as condições nas quais nos encontrávamos antes, embora ele seja ainda desproporcional em relação às tarefas que a situação mundial exige.

No plano teórico e político conseguimos com rapidez responder corretamente às questões suscitadas pelas transformações que se produziram no mundo. Desde 1948, em nosso 2º congresso mundial, já indicamos a tendência dos imperialistas a passar para o que denominamos neo-colonialismo; e então não só defendemos o programa da revolução permanente, como nossas seções nas metrópoles imperialistas deram uma sustentação prática apreciável às revoluções coloniais. Fomos também os primeiros a prever a crise internacional do stalinismo, a ruptura entre a URSS e a China, a decomposição

do monolitismo, etc. Finalmente, fomos os únicos a explicar as causas da prosperidade capitalista dos anos 50 e 60 e a indicar que as medidas anticrise de tipo keynesianas resultariam numa crise do sistema monetário do mundo capitalista e num ressurgimento das crises cíclicas. Evidentemente houve erros e lacunas mas no conjunto, nenhuma formação política pode apresentar um balanço tão válido e tão longo tempo.

No plano organizativo, desde Maio de 68, progredimos de modo sensível. Reunimos hoje organizações de mais de 50 países em todos os continentes. Nossas idéias alcançam hoje até os Estados Operários onde evidentemente não pretendemos organizar no momento as simpatias que encontramos. Podemos dizer que por toda a parte aumenta a nossa audiência e nossas organizações crescem.

Quando o movimento trotskista se criou no interior da IC, existiam múltiplas formações oposicionistas que eram inclusive mais fortes do que nós, mais enraizadas do que nós e que desapareceram embora não faltassem a elas militantes capazes e dedicados. Atualmente a maior parte delas desapareceu. Nenhum "agrupamento" durou ou se desenvolveu a longo prazo em uma organização estável. De muitos não se conhece mais nem mesmo o nome.

E aqui, quero voltar a uma questão que considero decisiva. A maior parte dos "agrupamentos" de que tivemos conhecimentos se deram no plano nacional e mantinham relações bilaterais com grupos de outros países, sem nenhuma eficácia na ação. As poucas tentativas de criação de organismos internacionais de antes da guerra, mais consistentes numericamente mas sem unidade política (o centro Brandleriano, o Buró de Londres) desapareceram. Nós vivemos e nos desenvolvemos porque, desde o princípio, nos constituímos como um partido mundial com um programa preciso, ao mesmo tempo centralizado e democrático. Esta não é uma tarefa fácil ou acabada mas não resta a menor dúvida de que foi esse princípio de um partido mundial que assegurou nossa continuidade e desenvolvimento ao contrário de todos os "agrupamentos" amplos. Não temos nenhum espírito de seita e combatemos qualquer tendência nesse sentido quando ela se manifesta entre nós. Lutamos com uma convicção inarredável para dar uma direção marxista revolucionária à classe operária, mas não pensamos que é possível desalojar as velhas direções burocratizadas, social-democratas ou stalinistas, através de "agrupamentos" de contornos indefinidos. A luta contra essas direções será ainda longa; mas elas só poderão ser vencidas sobre a base de um programa preciso, aquele de uma organização internacional, de um partido mundial, e que é hoje defendido pela IVª Internacional.



Lenin: junto com ele morrer a IC.

(* Pierre Frank foi secretário de Trotski e é dirigente da IVª Internacional desde a sua fundação. Entrevista concedida a Paulo Fontes, exclusiva para o EM TEMPO.

Como, por outro lado, existem muitos mais agrupamentos revolucionários que não se filiam à herança ideológica da IVª, boa parte dos seus próprios integrantes a vêm simplesmente como um dos eventuais componentes de uma futura coordenação internacional de revolucionários.

A segunda questão a colocar é a respeito do próprio significado desse extraordinário objetivo: «o Partido Mundial da Revolução Socialista». Não é verdade que Marx e Engels pretendessem tal tipo de organização centralizada como a I e II Internacional. É certo que esse foi o objetivo visado por Lenin, Trotsky e Zinoviev com a IIIª. Mas também a brutal degenerescência desse organismo com Stalin encobre hoje muitas vezes os impasses existentes ainda em sua fase leninista.

Quem for ler a história daquele período (vejam a «História da Revolução Bolchevique» de E.H. Carr ou a «Crise do Movimento Comunista» de F. Claudin) verá como a idéia mesma de

um partido mundial, um quartel-general que dirige a «revolução mundial» se funda numa concepção simplificada das lutas de classe no plano internacional, como se fosse um processo relativamente rápido e homogêneo. Só isso permitiria que um Birô em Moscou, baseado na «teoria científica do marxismo», pudessem determinar a linha revolucionária para cada canto do globo. Trotsky retomou o mesmo objetivo em condições mil vezes mais complicadas. Se a IIIª se transformou num poderoso aparato burocrático a serviço da política stalinista, a IVª não venceu a etapa grupuscular de um pequeno aparato burocrático a serviço de pretensões revolucionárias.

Na verdade, existe uma função que os trotskistas cumpriam e que está apontado nos textos de Pierre Frank e de Virginia: o de defender a teoria marxista num período de obscurantismo em nome dos próprios ideais comunistas. Não foram só eles mas não há dúvida que eles se

destacaram particularmente nessa atividade, que exerceram contra todas as calúnias stalinistas. E no entanto é necessário se ver que, mesmo essa tarefa de «transmissão da herança marxista» foi cumprida (e não poderia ser de outra forma) em condições que marcaram aquilo que nos transmitiram. Porque toda transmissão é uma atualização, que vem com o selo particular de quem nos transmite. Sabemos que «a existência determina a consciência»: o tipo de prática social de um movimento determina o caráter de sua teoria. A teoria produzida pela IVª Internacional mal poderia incorporar e elaborar as novas experiências revolucionárias, a não ser sob uma forma intelectual-crítica e muitas vezes simplesmente comparando cada processo novo com as categorias forjadas no fogo revolucionário do início do século.

Para dizê-lo agora de modo resumido, vejo na obra de Trotsky e de vários de seus seguidores contribuições valiosas para a compreensão da revolução russa, para crítica da burocracia

soviética e os problemas da transição socialista, para as táticas de frente-única na luta contra o fascismo, para a articulação de plataformas políticas revolucionárias. Mas penso que o desenvolvimento histórico nos trouxe experiências — vitoriosas e derrotadas, novos aportes e novos problemas que ultrapassam o quadro legado por Trotsky. A degenerescência soviética por exemplo, já não pode mais ser explicada por uma «deformação na superestrutura», mas deu nascimento a uma nova formação social, com suas leis específicas.

A contestação dos aparelhos ideológicos e políticos, da divisão capitalista do trabalho, a conformação de um bloco histórico popular em nossa época, são tarefas que hoje exigem um novo referencial político e teórico.

A crise do internacionalismo não será resolvida artificialmente através de Organizações sem base nacional. A experiência mostra que essas pseudo-Internacionais tendem a criar «seções» em cada país à base de fiéis seguidores

que em geral pouco tem a ver com as forças revolucionárias genuínas que aí se desenvolvem. É verdade que a crise do movimento comunista significa também — e mesmo essencialmente — uma crise do internacionalismo.

Mas querer resolvê-la à base de organizações unificadas em torno de alguma interpretação particular do marxismo, só pode resultar na constituição de novos aparatos dogmáticos, fechados para as novas experiências do movimento revolucionário. Porque, afinal, uma das características da crise está no fato de que a Teoria não acompanhou a História.

Temos muito que aprender com o passado (na verdade só podemos avançar aprendendo das experiências do passado) mas desde que saibamos também romper com o passado morto. Não estabelecer linhas divisorias do passado mas reelaborá-las e reelaborar o internacionalismo — à base dos impulsos revolucionários do presente.



O PCBR na agonia do militarismo

Ao entrar na dinâmica circular da realização das ações armadas para a sobrevivência de sua pesada estrutura clandestina, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, no início dos anos 70, é brutalmente atingido pela repressão.

Por Marco Aurélio Garcia

O segundo semestre de 1969, marca, de uma maneira geral, uma inflexão da maior parte das organizações da esquerda revolucionária brasileira em direção a uma orientação abertamente militarista. Não só se intensificam as práticas militares das organizações que tinham as ações armadas no centro de suas preocupações, como se verifica, no interior dos demais grupos, fortes pressões, nas bases e nas direções, buscando dar uma proeminência a este tipo de iniciativas.

A divisão da VAR-Palmares e a reconstituição da Vanguarda Popular Revolucionária neste período são em grande medida explicadas pelo choque no seu interior de correntes que se acusavam reciprocamente de "militaristas" e "massistas". Um pouco mais tarde, em setembro, o sequestro do embaixador norte-americano, Burke Elbrick, em uma ação conduzida pela dissidência do PCB na Guanabara (mais tarde MR-8) em articulação com a ALN, apareceria como um ponto importante em um processo que seus condutores anunciavam como irreversível em direção ao desencadeamento da "guerra revolucionária" no Brasil.

Já vimos, em nosso precedente artigo, como esta questão sacode igualmente ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) a ponto de fazer com que sua direção militar anuncie ações armadas para seus militantes — antes mesmo de suas realizações — para mostrar que o partido não se encontra dominado por uma perspectiva pacifista.

A lógica das ações armadas, no entanto, se faz sentir não somente pela necessidade de multiplicar as formas de enfrentamento mas para manter a própria estrutura da organização que se torna mais pesada, e assim por diante, como também ela provoca um reforçamento das tendências políticas que no interior dos grupos enfatizam a necessidade de fazer delas o centro de suas iniciativas.

Este reforçamento político se complementava, e assim passou com o PCBR, por uma tendência ao fortalecimento da atividade clandestina em geral da organização, especialmente pelo aumento do número de militantes que devem "passar para a sombra", ainda que por razões estritamente "preventivas". Dentro de um tal quadro, a luta política frequentemente assumiu a forma de um enfrentamento de princípios ideológicos, pondo em evidência, no mais das vezes, menos questões de ordem política e mais problemas relacionados com a concepção de militância.

A ofensiva da repressão

O lugar relativamente discreto que o PCBR ocupava nas preocupações policiais até fins de 1969, se transforma neste fim de ano. Num mesmo dia, 16 de dezembro, dois policiais, dentre os quais um torturador conhecido, são mortos em tiroteios com grupos do BR, o primeiro numa ação e o segundo no "estouro" de um "aparelho" da organização.

O cerco se fecha sobre o partido e desemboca na queda de Salatiel, membro do Comitê Central que, contrariando instruções expressas da direção havia ido à Baixada Fluminense, onde era muito conhecido, tendo sido preso na porta de um cinema de Caxias.

A prisão de Salatiel tem efeitos imediatos e os principais dirigentes do PCBR serão poucos dias depois capturados pela repressão. É o caso especialmente de Mário Alves, preso num "ponto" na zona norte do Rio de Janeiro e que não resistirá às horripilantes torturas a que foi submetido (impalamento, entre outras) vindo a morrer de hemorragia interna, sem que a polícia sequer admitisse (posição que até hoje mantém) sua captura. É o caso, igualmente, de Apolônio Carvalho, detido em sua casa clandestina e cuja coragem frente à repressão se transformou numa legenda nas prisões políticas de todo o Brasil naquele período.

As quedas não poderiam ter se produzido em pior momento. A organização se encontrava sacudida por várias tendências e o Comitê Central tinha data marcada para uma reunião na qual prometia enfrentar em forma radical os impasses políticos que a atravessavam e, ao mesmo tempo, discutir justamente a situação de Salatiel, cuja expulsão era pedida por setores do PCBR.

Entre fins de dezembro e janeiro, não só caem presos metade do Comitê Central e todo o secretariado nacional, como quadros dirigentes do nordeste e do sudeste, duas regiões que estavam questionando de maneira enfática a orientação do CC. Mais grave ainda, somente no Rio de Janeiro, 70 militantes devem passar à clandestinidade, o que torna a organização mais pesada e conspirativa, reforçando sua dimensão militarista.

O segundo CC

Para fazer frente à nova realidade criada pelo forte golpe repressivo, constitui-se uma Comissão Nacional Provisória, que terá por base uma minoria do Rio de Janeiro e pessoas ligadas ao setor militar do nordeste.

Tanto no nordeste como no sudeste já se vinha desenvolvendo uma polémica no interior da organização. Tendo como centro o problema da necessidade de implementar a guerrilha rural e as for-



Apolônio de Carvalho, ex-dirigente do PCBR

mas de guerrilha local, os militantes do nordeste criticavam o que chamavam de "imobilismo do CC", sua incapacidade de resposta política aos problemas do momento. As posições dos militantes do sudeste também reforçavam as críticas feitas à "paralisia" da direção, especialmente o que era apontado como sua "incapacidade de implementar a luta armada".

Caberá, assim, a este organismo, que passará para a história do BR como o "segundo comitê central", realizar uma dura "auto-crítica" do núcleo dirigente anterior.

Ao mesmo tempo, e isto em junho de 1970, o CC aprova um documento que marca uma clara virada em direção ao militarismo, o que ocorre em um período no qual a capacidade de resposta da organização se via comprometida por uma nova onda de quedas produzidas em fevereiro-março e que somente no Rio de Janeiro atingiria 130 militantes.

Mesmo após junho, continuam os golpes repressivos, como é o caso da prisão de militantes em Recife e que depois vão atingir outros pontos do nordeste, em princípio de 71. Na região sudeste, um pouco antes, em dezembro de 1970, também há quedas importantes.

Esta situação conduz a organização a entrar em uma fase de subsistência a partir de meados de 71. A tentativa de sua dinamização desemboca em uma Conferência de Reorganização ao cabo da qual o PCBR aparece quase que totalmente confundido com as demais organizações militaristas. A consequência é a hipertrofia que terão as ações militares na atividade global do BR. A organização se transforma em um dos pilares da Frente Armada.

O terceiro CC

Em 73, um derradeiro esforço de reorganizar a direção em meio a uma situação de quase total esgotamento da esquerda brasileira, leva à criação do "terceito comitê central". Uma das particularidades desta nova instância é que ela passa a ter somente três integrantes, contra 13 do "primeiro CC".

E é sobre estes três dirigentes — dentre os quais "Gogó", um ex-líder sindical — que a repressão vai desencadear toda sua força. Eles, como muitos outros dirigentes e militantes do PCBR serão exterminados nas câmaras de tortura da ditadura militar.

A articulação de um sem número de militantes e células atomizadas pelo país se faz extremamente difícil. Mas não se trata somente de um problema orgânico. Politicamente a organização havia paulatinamente abandonado toda uma fértil reflexão realizada em seus primeiros momentos. Mais, ainda, a quase totalidade dos quadros em condições de realizá-la se encontrava morta, nas prisões ou no exterior.

O papel do exterior

A significação que o grupo do exterior passaria a ter seria relativa num primeiro momento. Lá se encontravam Apolônio de Carvalho, e muitos outros que haviam sido, como ele, trocados por diplomatas, ou simplesmente que haviam podido sair do país antes de serem alvos da repressão. A posição deste grupo, que se concentra sobretudo em Santiago do Chile, é prudente. A despeito das divergências que mantém com o interior, eles não só se abstém de torná-las públicas, como demonstram total disciplina, oferecendo-se para voltar e integrar-se a qualquer tipo de tarefas.

Alguns dirigentes do interior, no auge do militarismo, não vêm com bons olhos este grupo de quadros "muito marcados pelo massismo" e limitam suas ofertas de incorporação a funções puramente técnicas e adequadas às prioridades do momento: "bons motoristas", "bons atiradores", etc. O reingresso não se produz. Frustrado pelo surto repressivo no interior, o numeroso e experiente grupo do Chile começa um processo de revisão,

sentindo que em suas mãos, como foi o caso para outras organizações brasileiras naquele momento, se encontrava depositado em grande medida o futuro da organização. Esta rearticulação, que se faz no quadro de uma política de aproximação com outras organizações como era o caso do POC e do MR-8 (construção partidária) se interrompe. Dia

11 de setembro de 1973, os militares chilenos derubavam o presidente Salvador Allende. A repressão que se desatou sobre os revolucionários estrangeiros que se encontravam no Chile atingiria, igualmente, alguns dos quadros do BR que lá se encontravam e que foram alvo não só das forças de segurança de Pinochet, como da curiosidade "dos agentes brasileiros despachados para interrogar diretamente ou acompanhar o interrogatório dos prisioneiros do Estádio Nacional.

Libertados pela força das pressões internacionais, estes militantes e os que puderam encontrar refúgio nas embaixadas de Santiago, iriam encontrar-se mais tarde na Europa, sobretudo para tentar retomar a iniciativa que começava a desenvolver no Chile.

As dificuldades seriam, no entanto, de outra ordem. Não só se acentuara o processo de dispersão interna, que complicava todas as tentativas de reorganização desde fora, como a própria distância e o desgaste material que o golpe no Chile havia provocado tornavam mais difícil esta tarefa de reconstituição.

A estas dificuldades materiais somavam-se outras de natureza política. Os acontecimentos do Chile haviam representado um duro golpe para o conjunto da esquerda revolucionária brasileira, introduzindo elementos suplementares de reflexão para seus militantes. Por outra parte as mudanças na própria conjuntura brasileira, em 74, colocavam mais em evidência os problemas do futuro que os do passado.



As mais dramáticas páginas da história.

A história que o Calendário CIPES 1980 mostra é feita de sangue, suor e lágrimas de todos aqueles que viveram com um único objetivo: a liberdade.

São 12 pranchas, formato 64 x 45, que mostram dramaticamente os capítulos mais importantes da luta do povo, ilustradas com arte e talento por alguns dos maiores artistas gráficos do país e textos preparados sob a coordenação de Clóvis Moura. Entre em contato, hoje mesmo, com o CIPES e peça já o seu Calendário de Lutas Sociais.

Ele custa muito pouco: apenas Cr\$ 200,00 pagáveis em cheque nominal a favor do CIPES

— Centro de Intercâmbio de Pesquisas e Estudos Econômicos e Sociais.

Envie o cupom abaixo à Rua Ática, 319 — CEP 04634, São Paulo, SP.

CALENDÁRIO CIPES 1980

Nome

End. Tel.:

CEP Cheque N°

Banco



Chegamos à saída. Chamorro diz que brevemente darão início à reconstrução das oficinas. Quanto à política, parece absolutamente sem pressa. O novo partido burguês que acaba de ser lançado não seduz: os laços do La Prensa com o sandinismo e com a Revolução tornaram-se fortes demais para que a família Chamorro se junte à primeira aventura burguesa que se apresente. Mas a frase que Jaime Chamorro articula para denotar seu pouco entusiasmo pelo novo partido burguês revela o que ele realmente pensa sobre o futuro mais distante:

- Estavam muito na defensiva, os lançadores desse partido. Deveriam ter se apresentado como alternativa de poder melhor do que os sandinistas marxistas.

Volto de táxi para a Casa del Gobierno. A entrevista com Moisés Hassan está marcada para o fim do expediente, depois das sete. O motorista se torna loquaz quando descobre que seu passageiro é um jornalista estrangeiro:

- Hoy se trabaja descansado en Nicaragua. Divorciado, pai de 12 filhos. Diz que há 4 mil motoristas de táxi assalariados, como ele, na Nicarágua. Pagavam 125 córdobas por dia aos donos de frota antes da queda de Somoza. Agora pagam 70 córdobas.

- Nos organizamos e fomos negociar com o patrão. Atingimos a cabeceira da Carretera panamericana. Alguns "out doors". Os nomes de muitas indústrias são os mesmos encontrados em qualquer estrada brasileira. PILHAS RAY-O-VAC NA RECONSTRUÇÃO DE NICARÁGUA.

- Agora o ministério quer comprar todos os veículos e nos assalariar. Oferecem 60 córdobas por dia. É pouco, não aceitamos.

Chegamos. O motorista diz que os velhos dirigentes de sindicatos foram expulsos ou fugiram. Eram somozistas. Cobra pela corrida mais de que o normal.

Novamente a senha, e subo para o 4º andar da Casa del Gobierno.

- A ultra-esquerda está nos criando dificuldades; não se precisa de muita liderança para convencer camponeses a tomar terras; estão promovendo greves. Neste momento crítico, promover uma greve por aumento de salário é uma irrealidade.

Moisés Hassan Morales, 37 anos, solteiro. Rosto inexpressivo. Dizem que é gênio. Matemático brilhante. Já foi reitor da Universidade Autónoma da Nicarágua. Sua ficha no Programa Oficial do Governo de Reconstrução Nacional diz que é engenheiro formado pela Universidade Nacional de Nicarágua, e Doutor em matemática pela Universidade de Carolina do Norte. Moisés Hassan é ligado à tendência Guerra Popular Prolongada, da Frente Sandinista, mas não foi combatente. Quando a burguesia percebeu que a insurreição contra Somoza tomava rumo irreversível, lançou a Frente Ampla Opositora, juntando grupos conservadores, uma fração do partido socialista e membros do partido liberal, numa plataforma anti-somozista, tentando obviamente assumir o comando ideológico e político da luta contra a ditadura. Hassan, com mandato da Frente Sandinista articulou uma frente parecida, mas com outro conteúdo de classe, juntando gente do Partido Comunista, alguns sindicatos, no Movimento Pueblo Unido. Em março de 79 a Frente Ampla Opositora, de caráter burgues e o Movimento Pueblo Unido de caráter proletário, aliaram-se numa chamada Frente Patriótica Nacional essa contando já com o apoio do "grupo dos 12", de oposição liberal. Fechava-se assim, quase que completamente o cerco político contra Somoza. Hassan tornou-se o secretário dessa Frente Patriótica Nacional. É um dos dois únicos membros da Junta de Governo, de cinco membros, de formação marxista (o outro é Daniel Ortega, um "terceirista").

A conversa se dá ao final de um dia exaustivo de trabalho. A Casa del Gobierno, finalmente está quase deserta. No quarto andar apenas Hassan e sua secretária, Lygia, que me oferece um café. Poderia ser uma entrevista rotineira no escritório de um industrial qualquer numa marginal qualquer da Grande São Paulo. Deixo mais para o fim a questão dos ataques à chamada ultra-esquerda. Peço a Hassan que fale um pouco do processo de busca de unidade que parece marcar o sucesso dos sandinistas. A Frente ainda se divide em tendências?

- A atual direção da Frente foi constituída por acordo que data de abril deste ano, com a intenção de unificar completamente a luta armada contra Somoza. Também porque não havia mais razão de fundo para a divisão, as divergências eram apenas de tática e estratégia militar. Ao longo da luta as três tendências tinham alguma verdade em suas

concepções, de maneira que na fase final, combinaram-se todas as formas de luta. A genialidade da direção nacional foi perceber, compreender isso e passar por cima de preconceitos pessoais desenvolvidos ao longo do racha.

Pergunto se as tendências fundiram-se completamente.

- A direção da Frente hoje passou a chamar-se direção nacional conjunta da frente Sandinista de Libertação Nacional. Agora a palavra "conjunta" caiu. Nesta fase procuramos sempre representar paritariamente as tendências nos organismos de direção, mas, por exemplo, quando Joaquim Quadra foi indicado chefe do estado Maior do Exército, a paridade já ficou de lado.

- Não tem surgido divergências dentro da Frente, ou na Junta do Governo?

- Desde a queda de Somoza não tem havido sequer votações. Há uma grande unidade, principalmente quanto à política interna. Quando há discussões mais importantes a Junta consulta a Frente e vice-versa. E as divergências nem são resolvidas com base no consenso, discute-se até que se chega ao consenso.

- A reforma agrária, foi muito discutida?

- Reforma agrária não gerou discussões. As discussões mais importantes dizem respeito à política externa. Tem se discutido muito e ainda se discute. Está claro que quanto aos Estados Unidos temos que manter as relações mais amistosas possíveis.

A entrevista deu-se dias apenas, após o encerramento do Sexta Conferência dos Não Alinhados em Cuba.

- Os chineses ajudaram Somoza. Na conferência de Cuba, alguns queriam que apoiássemos a posição cubana mas outros achavam que uma política de apoio a um dos blocos poderia ser prejudicial aos interesses da Nicarágua.

- Que problema tão sério tem levado a divergências quanto à política externa?

- Relação com Israel, por exemplo. Esse tem sido um tema candente; a solução de fato é de que a Nicarágua não rompa relações com Israel, mas tampouco as retomou. Praticamente todo armamento novo que Somoza recebeu nos últimos dois anos era israelita; as metralhadoras Uzi, o fuzil Galil. A Argentina contribuiu um pouco, mas a maior parte veio de Israel.

- Não havia armamento do Brasil?

- Estamos satisfeitos com a posição assumida pelo Brasil. Na sétima conferência da OEA, o Brasil teve a mesma posição positiva na discussão da tese de ruptura de relações diplomáticas com Somoza.

Levanto a questão dos ataques à ultra-esquerda. Refiro-me sem entrar no mérito das questões, ao tom grosseiro dos ataques. Ele não demonstra se irritar com essa observação, talvez não a tenha entendido.

- Com a ultra-esquerda o problema é que eles lançam o povo a ações que não são corretas no momento. Por exemplo, há fazendas que podem nem terem pertencido a um somozista; e lá vão eles lançando o povo a tomar essas terras; tem ocupado um número apreciável de propriedades. Aliás esse tipo de ação não é correta nem agora nem nunca. As terras serão tomadas pelo Estado. Mesmo muito antes da tomada do poder achávamos inconveniente repartir terras. A política é de não criar uma grande classe de pequenos proprietários. E a ultra-esquerda, nesse sentido, está criando muitas dificuldades.

- Como se explica tanto poder de liderança, se são grupos minúsculos, como o governo alega?

- Não é preciso muita liderança para convencer os camponeses a tomarem terras.

Pergunto se já há alguma decisão sobre a eventual introdução de um salário mínimo no país.

- Ainda não. Por enquanto atacamos os grandes salários, os salários dos funcionários do governo. Já está decidido que o salário máximo no setor público será de 10 mil córdobas. Desde agosto já reduzimos alguns grandes salários. O presidente do Banco Central ganhava antes 40 mil dólares.

Salário máximo de 10 mil córdobas. Faço alguns cálculos mentalmente. Seriam mil dólares, Trinta mil cruzeiros mensais. Não chega a ser um limite revolucionário. Quatro vezes o salário de um trabalhador.

Pergunto qual serão as próximas etapas do processo:

- Aprofundar as reformas e alfabetizar o povo. E os Conselhos de Defesa Sandinista? Porque tanta queixa contra eles?

- O problema é que quando as armas triunfaram, muita gente acostumada ao somozismo, gente dada ao servilismo ou à corrupção, tratou logo de se infiltrar nos CDS. Quando Somoza estava no poder serviam ao somozismo; quando os sandinistas chegaram ao poder, servem ao sandinismo. Mas a mim isso não preocupa; não me preocupam os próximos dois meses e sim os próximos dois anos. E em pouco tempo essa gente toda será depurada. Além disso, há também gente bem intencionada, só que sem preparo.

A conversa está chegando ao fim, retomo a questão das esquerdas não sandinistas por outro ângulo. Hassan fala rapidamente. Há três tipos de PC de linha soviética, um se denominando-se PC mesmo e os outros dois Partido Socialista. Grupos pequenos; nunca conseguiram imprimir marca profunda no movimento social ou na política do país.

- Um dos PS foi conseqüente com a revolução e acaba de manifestar a vontade de entrar na Frente. Isso está sendo discutido. É o PS do Alvaro Ramirez, o mais numeroso dos dois atualmente.

E os marxistas, ou o pessoal da Ação Popular?

- Parte dos dirigentes deles foram expulsos da Frente Sandinista.

Três dias depois do triunfo esses ultras puseram-se a criticar a Frente.

Hasan não faz a menor concessão nos "ultra". Pergunto o que poderá acontecer. Pergunto cuidadosamente se não foram precipitadas as acusações de que teriam praticado sabotagem. Responde a pergunta apenas em parte.

- Não queremos chegar a medidas extremas contra a ultra-esquerda, mas se for necessário, eu pessoalmente acho que o mais adequado seria levá-los aos tribunais.

A conversa terminou. Lá em baixo os soldados da guarda me indicam onde encontrar um táxi. Está escuro e o toque de recolher informal já entrou em vigor. No hotel o chinês misterioso continua de ouvidos colados ao rádio. Revelações de que o próprio filho de Somoza, que o povo chamava de Chiguin, participou do assassinio de Joaquim Chamorro. Um Guardia preso deu novos detalhes.

- El Chiguin, ele mesmo participou.

O homem está mais agitado do que de costume. Excitação de quem acha que muitas batahas decisivas ainda estão por acontecer.

Ultimo capítulo: Domingo na Revolução

No Brasil se editam 400 livros por mês.

— Leia Livros informa quais e opina sobre os melhores.

ASSINE

LEIA
LIVROS

NOME
ENDEREÇO
CEP CIDADE
ESTADO PAÍS

Envio anexo, cheque nominal (ou vale postal) de Cr\$360,00 para Editora Leia Livros Ltda. em pagamento de uma assinatura de 12 exemplares do jornal Leia Livros. Assinatura para qualquer lugar no exterior: US\$27.

Assinatura

ENVIAR PARA CAIXA POSTAL 30.273 — CEP 01000 — SÃO PAULO — SP

Leia e assine COMPANHEIRO

Uma imprensa que luta contra
a ditadura e exploração

Semestral Cr\$ 120,00
Anual Cr\$ 240,00
Anual para o exterior \$ 70

Nome:
Endereço: Cep:
Estado:
Bairro: Profissão:
Cidade:

Cheque nominal para Editora Avante Ltda
Rua Itapeva, 28 — Bela Vista
CEP 01332 — São Paulo

EM TEMPO:

CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO: Eder Sader (presidente), Aloisio Marques, Antônio Helder, Antonio Jorge, Carlos Tibúrcio, Flávio Aguiar, Flávio Andrade, F. Pereira, João Batista dos Mares Guiz, José Luiz Nadai, Marcelo Berra, Marco Aurélio Garcia, Paulo Cavalcanti, Raul Pont, Robinson Ayres, Sérgio Alli, Tom Duarte. — Suplentes: Luci Ayala, Marisa Araujo, Roberto Rodrigues, Sandra Starling, Valmir Menezes.
DIRETORIA: Flávio Andrade (presidente), Carlos Tibúrcio, José Luiz Nadai, Marco Aurélio Garcia, Robinson Ayres.
EDITOR CHEFE: Flávio Andrade.
DIRETOR RESPONSÁVEL: Robinson Ayres.

ARTE: Paulo Roberto M. Borges, Sérgio Pappi.
SECURNAIS: BELO HORIZONTE — Rua Bernardo Guimarães, 1884 — Tel. 335-7773;
PORTO ALEGRE — Av. Osvaldo Aranha, 1407, loja 20; RIO DE JANEIRO — Praia do Botafogo, 316, sala 209; SALVADOR — Av. Juana Angelina, 8, sala 44; FORTALEZA — Rua Castro e Silva, 1169. — Tel. 226-8004.

EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S/A — Rua Bernardo Guimarães, 1884 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Empresa Jornalística AFA Ltda. — Av. Liberdade, 703 — São Paulo — Tel. 278-9010.

Rua Mathens Grou, 57 — Pinheiros — São Paulo — CEP: 05415
Telefones: 380.4789 — 853.6660



NICARAGUA LIBRE

Vinagem à Revolução Sandinista

Por Bernardo Kucinski

9 — Duas entrevistas:

(Jaime Chamorro, pela burguesia e Moisés Hassan pelos sandinistas).

Muitas indústrias de Manágua ficam ao longo da estrada que liga a cidade ao aeroporto. Uma grande reta asfaltada, com a cidade ao Sul, e o grande Lago ao Norte. Entre o asfalto, e as margens irregulares do lago vão se sucedendo os galpões industriais — empresas pequenas, quase todas. Há também favelas intercaladas, partindo do asfalto e penetrando pelo mato até as margens do lago. A estrada faz parte da Carretera Panamericana, que liga todos os países da América Central. Ali, no km 4, está o terreno onde funcionavam as rotativas do **La Prensa**. No dia 11 de junho, plena insurreição popular, os tanques de Somoza O bombardearam.

— Depois, invadiram as oficinas, derramaram gasolina e atearam fogo. Isso foi lá pela uma da tarde.

Jaime Chamorro, irmão mais novo do antigo Diretor do **La Prensa**, Joaquim Chamorro, assassinado por agentes da Guardia. Joaquim Chamorro combatia Somoza há muito tempo. Em 1974 havia fundado a União Democrática de Libertação, uma frente de grupos conservadores, liberais e socialistas, em torno de uma plataforma democrática. Seu jornal denunciava sistematicamente violações de direitos humanos.

Era membro natural dessa família de oligarquias proprietárias de grandes jornais na América Latina. Mas na luta contra Somoza em nada se parecia com outros membros dessa mesma oligarquia, em maior ou menor grau comprometidos com ditaduras. No dia 10 de janeiro de 1978 Joaquim Chamorro foi arrancado de um veículo e assassinado. Nesse dia, fala-se, começou a insurreição na Nicarágua. A UDEL deflagrou uma greve geral em Manágua. As milícias saíram às ruas abertamente. Jaime Chamorro, tem aparência simples. Bonachão, ele percorre o terreno mostrando os estragos nas instalações do jornal. Do prédio onde ficavam as rotativas só restam pedaços de paredes laterais. Debaixo das lonas e laminados pretos de polietileno, há peças de máquinas, ferros

queimados, placas encurvadas e torcidas. O jornal é impresso em León, 90 kms ao Norte de Manágua, nas oficinas de um diário local, o Centro-América.

— Preparamos o "pest-up" aqui e mandamos por carro. Um outro carro parte de León, de forma que se encontram a meio caminho. Dá mais segurança, por que depois que escurece fica tudo mais arriscado.

A distribuição do jornal é feita da mesma forma. Por isso o **La Prensa** só aparece em Manágua lá pelas 10 ou 11 da manhã. O **La Prensa** mantém a mesma tradição de vigilância no campo dos direitos humanos que o caracterizava nos tempos de Somoza.

Notícia do Jornal.

No dia 10 de agosto o Sr. Manuel Montenegro Salazar foi capturado no Clube Social de Masaya e levado para Coyotepe por um grupo de milicianos. No dia 10 de agosto a senhora Montenegro apresentou-se em Coyotepe perguntando pelo marido e lhe disseram que na noite de 18 mesmo havia sido transferido para outro lugar... desde então já esteve em todas as prisões sem êxito... suplica por este meio às autoridades, que investiguem o assunto. É mãe de cinco filhos e vive em Masaya, del Triangulo 30 varas a Tisma, Santa Tereza.

Mas o jornal age com cuidado extremo:

— Oficialmente não há nenhuma restrição à liberdade de imprensa, mas é um jogo sutil, um jogo do qual participamos conscientemente. Queremos demarcar bem nossa posição com de apoio crítico à revolução. E há abusos, abusos de toda a ordem.

A redação do jornal funciona num único barracão de folhas de zinco e compensado. A sala de Chamorro é minúscula, e a todo instante há interrupções. Os abusos. Quero eu que explique melhor essa questão dos abusos.

— Acontece que a revolução mudou tudo, acabou com tudo. O poder judiciário deixou de existir; a polícia acabou. Aqui em Manágua, depois de vitória, não havia nem sequer um

guarda de trânsito.

Pergunto qual a posição do jornal sobre o decreto da Junta de Governo proibindo o uso da expressão "sandinista" por organizações não pertencentes à Frente.

— Pessoalmente acho que eles tem razão. Até pouco tempo atrás ser sandinista era morrer.

— Mas ao mesmo tempo em que baixam esse decreto, estão formando uma Central Operária Sandinista, uma polícia sandinista, e assim por diante. A combinação do decreto com esses fatos não representa uma negação de compromisso pluralista, que segundo se diz os sandinistas assumiram?

Chamorro parece um tanto surpreendido com a observação. Faz uma anotação num caderno, em letra bem miudinha, mas consigo perceber que é um registro onde entram as palavras combinação, decreto, central sindical. Notas para um editorial, suponho. Chamorro não parece muito seguro na resposta.

— Sim, isso pode levar ao rompimento do compromisso pluralista. Os sandinistas já estão exercendo pressões bem fortes no sentido de se organizarem. Os sandinistas querem criar um partido e fazer com que todas as organizações sociais pertençam ou sejam dirigidas por esse partido. Mas parece que as instituições permanentes, o exército, a polícia, deixariam de ser chamadas "sandinistas." É o que estão dizendo, pelo menos. Também não foi correto terem passado o jornal de Somoza e a Rádio, para a Frente Sandinista, quando deveriam ter passado as mãos do Estado.

Foi assim que surgiu o **Barricada**, apenas depois do triunfo da insurreição, órgão oficial da Frente Sandinista, circulação de 25 mil exemplares, leitura obrigatória em toda a parte. Chamorro continua a falar sobre a questão do compromisso pluralista; agora em tom mais reflexivo:

— O compromisso por um sistema político pluralista foi assumido antes do triunfo. Eles nunca imaginavam que o triunfo seria total.

Mas aí, o compromisso já existia. Eu acho que mais cedo ou mais tarde surgirá a necessidade de romper esse compromisso. A liderança sandinista por enquanto obedece ao compromisso de pluralismo e democracia, mas a maioria deles é marxista. Por outro lado, o povo também lutou muito na Nicarágua, e não lutou pelo marxismo, lutou pela democracia. E praticamente metade de toda a sociedade já está socializada.

Penso em dizer qualquer coisa sobre a contraposição colocada, entre democracia e marxismo. De qualquer forma somos interrompidos por um funcionário que traz uma enorme pasta. Gráficos de venda do jornal, que acompanho discretamente. Crescimento muito lento de vendas. Dos 65 mil exemplares em média, em 1977, para os atuais 70 mil. Mas com picos extraordinários, como em janeiro de 1978, logo após o assassinio de Chamorro, quando o **La Prensa** vendia 110 mil exemplares. O funcionário retira-se. Pergunto a Chamorro o que pensa da campanha da Junta do Governo e da Frente contra as esquerdas.

— Atualmente passamos por um período triunfalista. Mas os sandinistas sabem que já começa a surgir descontentamento entre o povo, e como eles não tem uma organização pela base, lançam essa campanha de denúncia de uma "contra-revolução", que é mais para atemorizar. E eles estão mais preocupados com os grupos de ultra-esquerda porque a direita está congelada. A direção sandinista teme, acima de tudo a oposição de esquerda.

Chamorro me acompanha à saída. Já caminhando pergunto ainda se é fato que, até agora, as divergências no interior da Junta tem sido desprezíveis. Ele é cunhado de Violeta Chamorro, membro da Junta, e deve saber. Jaime Chamorro confirma.

— Não tem havido divergências fundamentais até agora.

Continua na página 15

Irã Aiatolá x Aiatolá

Na sexta feira passada começou em Tabriz, capital da província de maioria turca do Azerbaijão, uma rebelião dos partidários do aiatolá Shariat Madari

Por João Machado

No mesmo momento em que conseguia unificar todo o povo diante da provocação feita pelo Presidente Carter, ao acolher o xá, o imã Khomeini teve de se defrontar com um desafio mais grave: a rebelião na província do Azerbaijão, de maioria turca, e que segue a orientação religiosa do aiatolá Shariat Madari.

Mais uma vez, no Irã, um conflito de clara raiz social e política (o desejo de maior autonomia para uma minoria nacional) é envolvido por uma roupagem religiosa. A luta do povo do Azerbaijão contra a opressão exercida pelo poder central aparece como uma luta entre a liderança do aiatolá Shariat Madari e a de Khomeini, do mesmo modo que a luta de todo o Irã contra o imperialismo e sua criatura — o xá — aparece como uma luta dos muçulmanos xiitas contra o Ocidente corrompido.

O enfrentamento do poder central com o Azerbaijão é a questão mais séria que o regime de Khomeini tem de enfrentar no plano interno. É importante ter em conta que a ocasião em que o carisma do imã foi mais arranhado foi justamente no conflito com outra minoria nacional: os curdos. Depois de ter empreendido um ataque de larga envergadura contra os rebeldes do Curdistão iraniano, e de ter anunciado que os arrasaria, o governo terminou sendo obrigado a recuar e negociar. Agora também a tática de dizer que os insurretos seguem a orientação dos EUA, da CIA, volta a ser empregada, como ocorrera com a rebelião curda: é provável que obtenha os mesmos parcos resultados.

Nem poder dos trabalhadores, nem normalidade burguesa

O conflito do "governo islâmico" com as minorias nacionais mostra bem o caráter extremamente contraditório da revolução iraniana, e a explosividade destas contradições. As massas



Madari

que derrubaram o xá em um dos movimentos de maior envergadura da história universal, com uma combatividade impressionante, lutavam contra a miséria imposta pela monarquia, contra o desemprego, contra a opressão de um dos tiranos mais sanguinários. Para as minorias nacionais, um dos aspectos desta tirania era justamente a centralização do poder em Teerã, a negação de qualquer autonomia regional, a opressão das minorias.

No entanto, lutavam sob a direção de um guia religioso, e assim dando a toda a luta uma capa religiosa. Isto só podia contribuir para confundir os seus objetivos.

Todas as contradições são resumidas em Khomeini. Na condução da luta contra o xá, ele se mostrou um dirigente de excepcional firmeza, tendo merecido por isso sua enorme popularidade. Mas, uma vez tomado o poder, suas qualidades já não valem tanto, e suas fraquezas aparecem muito mais. De maneira nenhuma ele é um dirigente popular, no sentido de lutar pela ampliação dos órgãos de poder popular, pelo avanço da revolução: pelo contrário, sua



Khomeini

concepção de um "governo islâmico" que emana diretamente de Alá é arqui-reacionária, e ele fez todos os esforços para consolidar seu poder, para sufocar as mobilizações populares, as greves (que o tinham levado ao governo), o que inclui sufocar o movimento contra a opressão das minorias nacionais.

Sem o demônio a coisa ficar pior

Por outro lado, Khomeini tampouco é um dirigente capaz de restabelecer uma normalidade burguesa no Irã. É evidente que este não é o seu forte. Seu projeto é o de um anti-imperialismo utópico e cheio de traços reacionários. Até agora não atendeu a nenhuma das grandes reivindicações das massas no país, que continuam com uma situação tão difícil como a de antes. Com suas contradições, Khomeini reproduz uma instabilidade permanente. Nem um poder dos trabalhadores, nem uma ordem burguesa normal.

As contradições do regime se mostraram esta semana com toda a clareza, então. De um lado, um enfrentamento decidido com o imperialis-

mo, uma luta contra as provocações de Carter (mesmo que esta luta assumia aspectos algo extravagantes). De outro, um combate ao desejo de autonomia do Azerbaijão, inclusive acusando os autonomistas de serem guiados pela CIA. Isto apesar de esta luta contra a opressão nacional ser estimulada justamente pela luta contra o imperialismo.

Do ponto de vista do imperialismo, a questão não é menos complicada. Khomeini é um adversário formidável, terrível em todos os sentidos: goza de um enorme apoio popular, e tem um ódio sagrado aos EUA. Mas é também o único que é capaz de segurar o movimento de massas no Irã, embora não tenha sido capaz de controlá-lo inteiramente ou de esmagá-lo. Com o demônio a coisa está ruim, sem ele pode ficar pior.

Desta maneira, é difícil prever qual será o andamento da crise. Carter não tem muitas opções. Não existe hoje no Irã nenhuma liderança alternativa à de Khomeini, muito menos uma alternativa conservadora que pudesse ser apoiada. E qualquer intervenção seria extremamente arriscada.

Aliás, é neste terreno (o da possibilidade de alguma intervenção) que Carter conseguiu algum avanço: a opinião pública americana tem em parte dado apoio à sua política, e aceitaria alguma medida militar algo melhor que algum tempo atrás. É extremamente grave que isto tenha ocorrido: foi justamente a oposição interna a qualquer intervenção, oposição que se reforçou enormemente no movimento contra a guerra do Vietnã, que obrigou a Carter que assistisse perplexo e inativo à queda de seu maior aliado no Oriente Médio.

E esta é a grande questão em jogo. Nos últimos meses, uma grande ofensiva de propaganda tem procurado mostrar que a situação na Indochina piorou com a saída dos EUA. A manobra se estende agora ao Irã.